Capítulo 5

A pluriatividade como estratégia de reprodução da agricultura familiar

Sergio Schneider

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução da agricultura familiar. In: *A pluriatividade na agricultura familiar* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Estudos Rurais series, pp. 175-225. ISBN 978-85-386-0389-4. Available from doi: [10.7476/9788538603894](https://doi.org/10.7476/9788538603894). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/b7spy/epub/schneider-9788538603894.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 5

A pluriatividade como estratégia de reprodução da agricultura familiar

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa de campo realizada nas comunidades de Padre Eterno Ilges e Braço do Sul sobre as famílias de agricultores e famílias pluriativas. Conforme antes ressaltado, a escolha dessas duas comunidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, respectivamente, permitiu realizar um duplo processo de comparação. Por um lado, a comparação entre as famílias de agricultores com as famílias pluriativas, cujas diferenças sociais, econômicas e culturais, como se verá, são de grande significação, contribuindo para esclarecer sobre as possibilidades sociais da pluriatividade como uma tendência nas regiões agrárias do Sul do Brasil. Por outro lado, permitiu também um tipo de comparação de caráter espacial e histórico, mediante o cotejo de ambos os grupos investigados nos dois Estados.

A distribuição etária das 256 pessoas que integram as famílias de agricultores e famílias pluriativas pesquisadas é apresentada na Tabela 1, a seguir. A principal diferença entre as duas categorias situa-se na faixa etária de pessoas acima de 60 anos de idade, pois entre as famílias de agricultores há 23,6% nesta faixa e entre as famílias pluriativas somente 9,7%. Nas demais faixas etárias, apesar da diferença da proporção dos que foram selecionados para a amostra, ao se verificarem os valores relativos, as diferenças não são tão significativas, embora as famílias pluriativas apresentem idade média geral menor, indicando maior proporção de pessoas na faixa de 11 a 59 anos. As famílias de agricultores, por sua vez, parecem seguir uma tendência geral das regiões coloniais do Sul, isto é, maior presença de idosos e de crianças (normalmente os netos que permanecem algum tempo morando na propriedade com os avós).

Tabela 1
FAIXAS DE IDADE E DISTRIBUIÇÃO DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES E PLURIATIVOS DA AMOSTRA

Idade (anos)	Total Agricultores (RS e SC)		Total Pluriativos (RS e SC)		Total da Amostra
	n	%	n	%	n
Até 10	17	23,6	30	16,3	47
11 a 18	9	12,5	42	22,8	51
19 a 34	14	19,5	36	19,5	50
35 a 59	15	20,8	58	31,5	73
60 ou mais	17	23,6	18	9,7	35
Total da amostra	72	100	184	100	256

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que se refere à estratificação das duas categorias analisadas, famílias de agricultores e famílias pluriativas, segundo o sexo e a idade, percebe-se, como indicado na Tabela 2, que entre os membros do sexo masculino a principal diferença concentra-se na faixa dos que têm acima de 60 anos de idade. Os homens agricultores nesta faixa somam 21,8% ao passo que entre os pluriativos do sexo masculino esta proporção chega apenas a 9,7%. Entre as mulheres essa diferença se repete, pois 25% das agricultoras têm 60 anos ou mais, ao passo que apenas 9,7% das mulheres de famílias pluriativas situam-se nessa faixa de idade. Entre as mulheres também se destaca a diferença nas faixas de 11 a 18 anos, na qual a proporção de pluriativas chega a 27,1% e as agricultoras apenas a 12,5%, o que indica que entre as famílias pluriativas há um contingente expressivo de jovens do sexo feminino. A outra diferença está na faixa etária dos 35 aos 59 anos de idade, na qual se verifica uma maior presença de mulheres pluriativas (31,5%) do que agricultoras (15%).

Tabela 2
IDADE/SEXO DOS MEMBROS QUE COMPÕEM AS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES E PLURIATIVAS, NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Idade/Sexo	Agricultores			Pluriativos		
	% Masc.	% Fem.	Total	% Masc.	% Fem.	Total
Até 10	21,8	25	17	15,2	17,3	30
11 a 18	12,5	12,5	9	18,4	27,1	42
19 a 34	15,6	22,5	14	25	14,1	36
35 a 59	28,1	15	15	29,3	31,5	58
60 ou mais	21,8	25	17	9,7	9,7	18
Total	100	100	72	100	100	184

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Além da estrutura etária e da separação por sexo das famílias de agricultores e pluriativos das regiões selecionadas, é importante verificar a quantidade de pessoas que compõem essas famílias e como se distribuem. A Tabela 3 indica a distribuição do número de membros por família investigada. Cabe lembrar que os números se referem à quantidade de famílias da amostra e a coluna ao lado apresenta a quantidade de membros que existem por família de agricultores ou de pluriativos.

Tabela 3
NÚMERO TOTAL DE FAMÍLIAS E MEMBROS POR FAMÍLIA
DE AGRICULTORES E FAMÍLIA DE PLURIATIVOS
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Número de pessoas por família	Famílias de agricultores		Famílias de pluriativos		Soma total de indivíduos e famílias			
	RS		SC		Agricultores		Pluriativos	
	Fam	Memb	Fam	Memb	Fam	Memb	Fam	Memb
Somente 1 pessoa	1	1	2	2	-	-	-	-
2 pessoas	3	6	7	14	-	-	2	4
3 pessoas	1	3	-	-	-	-	3	9
4 pessoas	3	12	2	8	3	12	5	20
5 pessoas	1	5	1	5	5	24	7	35
6 pessoas	-	-	1	6	4	24	4	24
7 pessoas	-	-	-	1	-	-	2	14
8 pessoas	-	-	-	-	-	-	-	-
9 pessoas	1	9	-	-	1	9	1	9
Total	10	36	13	36	13	69	24	115
							23	72
							37	184

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

A primeira consideração é que do total das 60 famílias investigadas, perfazendo 256 membros individuais, somente três famílias eram compostas por apenas um membro. Trata-se de famílias de agricultores viúvos. Outra informação que pode ser extraída desta tabela, reafirmando as hipóteses da Tabela 2, é que as famílias de agricultores são compostas por apenas 72 indivíduos, enquanto as famílias de pluriativos chegam a 184 membros. Das 23 famílias entrevistadas, 13 (ou seja, 56%) tinham até dois membros e somente 4 (ou 17%), mais de cinco membros. Já as famílias pluriativas, ao contrário, acusaram uma quantidade expressiva de unidades compostas por cinco pessoas ou mais (65% ou 24 das 37 famílias entrevistadas).⁶⁹ No Rio Grande do Sul, essa proporção alcança 77% das famílias de pluriativos e, em Santa Catarina, chega a 58%.

⁶⁹ A média geral de pessoas por família é de 4,2 nas duas localidades pesquisadas. Esse resultado advém da divisão do total dos membros das famílias de agricultores e pluriativos (72 e 184, respectivamente, vide Tabela 2), 256 pessoas, pelo número de famílias selecionadas, 60 no conjunto.

A partir dessas informações, depreende-se, portanto, que as famílias de agricultores, por terem maior proporção de membros com idades superiores a 60 anos (23,6% contra 9,7% de pluriativos) e serem compostas por uma quantidade menor membros, são também menos aptas a deslocar parte de sua força de trabalho para fora da unidade produtiva, pela simples razão de que, havendo pouca disponibilidade de “braços”, é de se esperar que sejam recrutados inteiramente para as tarefas da propriedade. A variável demográfica, nesse caso, constitui-se em importante elemento de diferenciação entre unidades familiares, sendo notório que favorece o desenvolvimento da pluriatividade naquelas em que houver mais disponibilidade de membros.

A comparação das variáveis idade e número de indivíduos por unidade permite postular, portanto, a hipótese de uma correlação direta entre o tamanho da família e o recurso à pluriatividade. Para testar essa hipótese e ampliar a caracterização etária e demográfica das famílias investigadas, realizou-se outro tipo de averiguação, buscando associar essas duas variáveis com a posição dos membros na hierarquia familiar, classificados segundo sua condição de chefe, cônjuge, filho ou outros.

A Tabela 4 apresenta, especificamente, as famílias de agricultores, nos dois casos estudados, Padre Eterno Ilges e Braço do Sul. Conforme pode-se notar, nessas famílias os chefes representam algo em torno de 30% em relação às demais posições da família e, somados aos cônjuges, essas duas posições representam em torno de 50% dos integrantes das famílias do subgrupo de agricultores. Na maioria dessas famílias a posição de chefe do estabelecimento é ocupada por pessoas do sexo masculino (47,1% no Rio Grande do Sul e 53,3% em Santa Catarina). Mesmo assim, a posição de filho ainda continua sendo aquela que concentra maior proporção (47,2% no RS e 36,1% em SC) de indivíduos.

Tabela 4
POSIÇÃO NA FAMÍLIA E SEXO DOS AGRICULTORES,
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Posição	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino			
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Chefe	47,1	53,3	10,5	23,8	27,8	36,1
Cônjuge			42,1	28,6	22,2	16,7
Filhos	52,9	26,7	42,1	42,9	47,2	36,1
Outro		20,0	5,3	4,8	2,8	11,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Há ainda dois aspectos complementares que merecem ser apreciados. O primeiro refere-se à maior presença de chefes do sexo feminino no caso catarinense (23,8%) frente ao gaúcho (10,5%). Essa diferença está relacionada com a condição de viuvez das mulheres que respondem pela chefia da propriedade, sendo muito freqüente a residência de um casal de jovens na mesma casa ou em residência próxima. No caso de Padre Eterno Ilges, no Rio Grande do Sul, em quase todas as famílias selecionadas foram encontrados ambos membros do casal. O segundo aspecto refere-se à diferença, também verificada apenas em Braço do Sul, entre a proporção daqueles membros masculinos que ocupavam a posição de outros (20%) em relação às mulheres, de apenas 4,8%. Na maioria dos casos encontrados, esses outros eram parentes das famílias do sexo masculino que moravam na mesma unidade.

Entre as famílias pluriativas, a distribuição dos membros segundo a posição que ocupam na hierarquia familiar, conforme é indicado na Tabela 5, é bastante diferente em relação aos agricultores. Em Padre Eterno Ilges, no Rio Grande do Sul, apenas 18,8% de todos os membros das famílias pluriativas são chefes e, em Santa Catarina, apenas 20,9% ocupam essa posição. No entanto, a maioria daqueles que são chefes pertencem ao sexo masculino (em torno de 40% nos dois casos). Ratificando a hipótese antes mencionada, entre os pluriativos há uma quantidade significativamente maior de pessoas que se encontram na posição de filhos, tanto membros do sexo masculino como feminino (com um total médio de 58% no Rio Grande do Sul e 48,7% em Santa Catarina) atestando, uma vez mais, a explicação de que as famílias pluriativas são formadas por uma parcela maior de jovens do que as de agricultores, o que passa a ser um elemento decisivo favorável à decisão de combinar várias inserções socioprofissionais.

Tabela 5
POSIÇÃO NA FAMÍLIA E SEXO DOS PLURIATIVOS
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Posição/Sexo	Masculino (%)		Feminino (%)		Total (%)	
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Chefe	38,2	39,7	-	1,8	18,8	20,9
Cônjuge	-	-	34,3	36,8	17,4	18,3
Filhos	58,8	48,3	57,1	49,1	58,0	48,7
Outros	2,9	12,1	8,6	12,3	5,8	12,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Outro indicador importante para a caracterização das famílias de agricultores e famílias pluriativas gaúchas e catarinenses é o nível de escolaridade. Em ambos os casos não foram encontradas famílias cujos membros nunca haviam freqüentado a escola.⁷⁰ Os dados da pesquisa de campo revelaram, conforme consta na Tabela 6, que tanto entre as famílias de agricultores como de pluriativos, a maior parcela freqüentou a escola apenas por poucos anos, em geral até a 4ª série do ensino básico. Foram poucos os membros das famílias de agricultores e pluriativos gaúchos e catarinenses que chegaram a cursar o nível chamado de segundo grau (atualmente denominado nível médio). Uma das razões que talvez explique os baixos níveis de escolarização está relacionada ao fato de serem comunidades situadas em áreas rurais afastadas dos núcleos urbanos, nas quais situam-se as escolas de primeiro e segundo graus completos.⁷¹

Tabela 6
ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS DE AGRICULTORES
E PLURIATIVOS, NAS COMUNIDADES SELECIONADAS.

Escolaridade	Agricultores (%)		Pluriativos (%)	
	RS	SC	RS	SC
1º grau incompleto	75,0	86,1	87,0	85,2
1º grau completo	-	2,8	1,4	4,3
2º grau incompleto	-	-	1,4	0,9
2º grau completo	2,8	-	4,3	0,9
3º grau completo	-	-	1,4	-
Sem idade escolar	19,4	11,1	4,3	7,0
Escola Especial	-	-	-	0,9
Sem resposta	2,8	-	-	0,9

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

⁷⁰ Muitos dos idosos chegaram até mesmo a ser alfabetizados em idioma alemão, pois antes da Segunda Guerra Mundial em muitas pequenas localidades onde residiam os imigrantes alemães o ensino ainda era realizado em língua germânica. Somente após a proibição de ensinar em língua estrangeira imposta durante o governo Getúlio Vargas é que nessas localidades passou-se a ministrar aulas em português.

⁷¹ A escola de 1º grau completo mais próxima da localidade de Braço do Sul, em Santa Catarina, situa-se no distrito de Vila Itoupava, a uma distância de cerca de cinco quilômetros. No Rio Grande do Sul, a localidade de Padre Eterno Ilges também dista cerca de sete quilômetros da sede do Município de Santa Maria do Herval.

5.1. PLURIATIVIDADE E AGRICULTURA: ACESSO À TERRA, TRANSFORMAÇÕES NOS PROCESSOS PRODUTIVOS E IMPACTOS NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO FAMILIAR

Um dos elementos fundamentais para se conhecer e interpretar o modo de funcionamento das unidades que operam com base no trabalho familiar, como é o caso dos agricultores e pluriativos deste estudo, é o processo produtivo. Certamente, um processo produtivo qualquer pode ser analisado a partir de diferentes enfoques, cada qual permitindo elucidar distintas dimensões. Na análise das práticas produtivas das unidades familiares gaúchas e catarinenses optou-se por uma abordagem multidimensional do processo produtivo e da propriedade, buscando caracterizar sua origem, a posse dos bens existentes no momento da pesquisa de campo e os tipos de cultivos praticados, bem como a forma de exploração econômica e as relações com o mercado. Esses quatro elementos abrangem um conjunto variado de operações técnicas, de uso de instrumentos de trabalho e alocação da força de trabalho que permitem conhecer como as famílias operacionalizam suas atividades e - o que informa diretamente este trabalho - o que singulariza as operações segundo a característica da família que as realiza.

Uma das informações essenciais refere-se à estrutura fundiária, nos dois casos. Em razão das localidades investigadas situarem-se em regiões relativamente homogêneas no que diz respeito ao tamanho das propriedades, pode-se afirmar que a estratificação de área encontrada nas localidades de Padre Eterno Ilges e Braço do Sul reproduz uma situação que se verifica em praticamente toda a região circunvizinha, tanto em um Estado como em outro. A Tabela 7 demonstra que 45,9% das famílias pluriativas e 40,3% das de agricultores, independente do Estado, possuem áreas não superiores a 15 hectares. Em Braço do Sul as propriedades são um pouco maiores que as gaúchas, mas, no geral, não se verificam distinções significativas entre famílias de agricultores e pluriativas.

Tabela 7
ESTRATIFICAÇÃO DE ÁREAS DAS PROPRIEDADES RURAIS
DE PLURIATIVOS E AGRICULTORES NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Estratos de área em hectares	% Pluriativos			% Agricultores		
	RS	SC	Total	RS	SC	Total
--- 3	15,4	8,3	10,8	10,0	23,1	14,3
3 --- 5		8,3	5,4	10,0	-	4,3
5 --- 10	15,4	12,5	13,5	10,0	7,7	8,7
10 --- 15	30,8	8,3	16,2	20,0	7,7	13,0
15 --- 20	23,1	12,5	16,2	50,0	15,4	30,4
20 --- 30	15,4	12,5	13,5	-	23,1	13,0
30 --- 50	-	25,0	16,2	-	-	-
50 ---	-	-	-	-	15,4	8,7
Não-proprietários	-	12,5	8,1	-	7,7	4,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

A maior parte das terras dos pluriativos e agricultores do Sul do Brasil foram obtidas através de herança, ainda que as compras de parentes e de terceiros também sejam formas importantes de acesso à terra. As informações que constam na Tabela 8, sobre a forma de obtenção da propriedade pelas famílias de agricultores e famílias pluriativas, levam em consideração que uma mesma família pode combinar duas ou mais formas de aquisição da sua propriedade, por exemplo, ao herdar uma parte e comprar outra dos irmãos, também herdeiros, como é muito usual no meio rural. Por esta razão, torna-se impossível saber a exata proporção ou a quantidade de terra que é herdada, adquirida ou obtida através de outras formas, pois os dados apresentados refletem a soma de todas as propriedades da amostra. Como há uma variação de caso a caso, fica difícil obter informações que representem a média das proporções de área que são herdadas ou adquiridas de terceiros. Assim, as informações constantes na Tabela 8 referem-se somente à frequência com que as famílias dos pluriativos e dos agricultores declaram ter herdado ou adquirido sua propriedade (portanto, a forma de obtenção de suas propriedades) e não em relação ao tamanho da área (obviamente, por tal razão, a soma das parcelas, na tabela, ultrapassa a 100%). Isso permite afirmar, por exemplo, que os pluriativos de Padre Eterno Ilges obtiveram suas propriedades por herança e por compra em igual proporção (em 53,8% dos casos). Também permite dizer que 62,5% dos pluriativos de Braço do Sul obtiveram suas terras através de herança, mesmo que uma proporção também tenha adquirido parte de suas terras. Nas demais situações, o mecanismo principal de obtenção de terras foi através de herança (sobretudo, entre as famílias de agricultores). A

utilização da rede de parentela também parece ser uma estratégia de obtenção de terras no Rio Grande do sul, onde a compra de parcelas de terras de parentes é bem mais expressiva do que em Santa Catarina.

Tabela 8
FORMA DE OBTENÇÃO DAS TERRAS DE PLURIATIVOS
E AGRICULTORES NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Forma de obtenção	% Pluriativos		% Agricultores	
	RS	SC	RS	SC
Através de herança	53,8	62,5	60,0	61,5
Compra de parentes	53,8	8,3	40,0	7,7
Compra de terceiros	38,5	25,0	50,0	23,1
Através de doação	-	8,3	-	-
Posse provisória	-	-	-	7,7
Não é proprietário	-	8,3	-	-
Troca	-	-	-	7,7

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entretanto, se são relativamente limitadas as possibilidades de conhecer detalhadamente as formas de acesso à terra, mediante a utilização de metodologias quantitativas, no sentido de tentar identificar um padrão sucessório a partir das informações dos entrevistados sobre o modo de obtenção de sua propriedade, torna-se mister recorrer a outras técnicas de pesquisa social para cobrir essa lacuna. Nesse sentido, buscou-se maior refinamento empírico somente em relação àquelas famílias que declararam ter herdado em parte ou no todo a propriedade. Esse aprofundamento factual consiste em saber quem foi o beneficiado da herança, se o marido, a esposa ou ambos. Como se perceberá ao consultar a Tabela 9, a seguir, foi possível neste caso identificar as proporções e relacioná-las ao seu conjunto, porque se trata de uma única forma de procedimento, qual seja, uma situação em que houve herança.

Tabela 9
FORMAS DE HERANÇA ENTRE FAMÍLIAS DE AGRICULTORES
E PLURIATIVAS NAS COMUNIDADES SELECIONADAS.

Herdeiros	% Agricultores			% Pluriativos		
	RS	SC	Total	RS	SC	Total
O marido herdou a terra de sua família	30,0	50,0	50,0	57,1	26,7	36,3
A esposa herdou a terra de sua família	10,0	12,5	14,3	28,6	46,7	40,9
Ambos, marido e esposa, herdaram as partes que compõe a propriedade atual	10,0	37,5	28,4	14,3	20,0	18,1
Sem resposta	10,0	-	7,1	-	6,7	4,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias de agricultores que herdaram uma parte ou toda a sua propriedade, os homens (maridos) foram os maiores beneficiados, sendo em 30% dos casos em Padre Eterno Ilges e em 50% em Braço do Sul (em uma média de 50% quando somados os dois estados). Entre as famílias pluriativas gaúchas e catarinenses observa-se uma diferença significativa. Em Padre Eterno Ilges, em 57,1% dos casos em que houve herança, foi o marido quem herdou a propriedade, mas em Braço do Sul foram as esposas que herdaram em maior proporção (46,7%). Analisadas enquanto grupo, contudo, as esposas das famílias pluriativas herdaram propriedades em maior proporção (40,9%) no total dos dois estados do que as esposas dos agricultores (14,3%).

Essas informações revelam que tanto homens como mulheres, embora em proporções diferentes, são beneficiados pelos mecanismos de herança existentes nas duas regiões. Os dados revelam que o acesso à terra, elemento fundamental para constituição do patrimônio familiar, se dá tanto pela herança atribuída aos homens quanto às mulheres. Portanto, pode-se afirmar que, em ambas as regiões e tanto entre agricultores quanto entre pluriativos, vigora um aparente igualitarismo na divisão dos bens das famílias rurais. O que os dados indicam é que a expansão da pluriatividade e a “mercantilização” da vida social (para usar a expressão de Marsden) nas duas regiões elimina costumes e aponta novos padrões sucessórios. Por exemplo, o costume de atribuir a sucessão a filhos mais jovens (também chamado de “minorato”), ainda vigente em algumas regiões coloniais do sul do Brasil, parece que aos poucos desaparece em função da crescente determinação de fatores econômicos. Talvez pela mesma razão, as mulheres de famílias pluriativas tenham herdado as propriedades em maior proporção do que as mulheres do grupo dos agricultores, como apontado. Tais argumentos permitem lançar a idéia de que, em regiões agrárias, onde os processos de integração econômica avançaram, deixam de existir diferenças em relação aos mecanismos hereditários.

Na ampla maioria das propriedades das famílias pluriativas e famílias de agricultores, o trabalho e a exploração da terra é realizado pelos próprios membros do núcleo doméstico. O arrendamento de terras para terceiros somente é realizado em Padre Eterno Ilges, tanto entre as famílias pluriativas (23,1%) quanto entre as famílias de agricultores (10%). Nem famílias de agricultores nem famílias pluriativas utilizam a parceria e muito raramente (à exceção do grupo catarinense) contratam trabalhadores em regime de assalariamento, conforme apontado na Tabela 10. No entanto, há um número significativo de famílias que arrendam terras de outros para sua utilização, como é o caso das famílias pluriativas gaúchas (23,1%) e catarinenses (12,5%) nas comunidades investigadas. O recurso ao arrendamento de terras pelas famílias de agricultores e pluriativas de Padre Eterno Ilges pode ser atribuído à demanda por áreas maiores, sobretudo em decorrência da importância da produção florestal de acácia-negra na região do Sul do Brasil.

Tabela 10
FORMAS DE USO DA TERRA, ARRENDAMENTO, PARCERIA
E ASSALARIAMENTO ENTRE FAMÍLIAS PLURIATIVAS E FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

		Arrenda terras próprias para outros (%)		Trabalha em parceria (%)		Arrenda terras de outros (%)		Contratação de assalariados no último ano (%)	
		Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pluriativos	RS	23,1	76,9	-	100,0	23,1	76,9	-	100,0
	SC	-	100,0	-	100,0	12,5	87,5	12,5	87,5
Agricultores	RS	10,0	90,0	-	100,0	10,0	90,0	-	100,0
	SC	-	100,0	7,7	92,3	7,7	92,3	15,4	84,6

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que se refere à forma de utilização da superfície agrícola das terras, os dados da pesquisa de campo revelaram que há um amplo predomínio de coberturas vegetais (nas propriedades das famílias de agricultores e pluriativos), na forma de matas nativas, secundárias e áreas reflorestadas. A Tabela 11 apresenta proporções médias relativas à utilização das propriedades com os respectivos cultivos, devendo-se lembrar que essas proporções são uma média da quantidade de área que as propriedades entrevistadas usam com determinado cultivo. As áreas com matas naturais ou reflorestadas cobrem, em média, mais de 50% da superfície agrícola das terras das famílias de agricultores e pluriativas, gaúchos e catarinenses. Tais porcentagens tornam-se ainda mais significativas quando comparadas às proporções médias das matas e áreas reflorestadas com as outras formas de uso da propriedade como as lavouras e as áreas inaproveitáveis. Como

exemplo, com base nos dados obtidos da pesquisa de campo, pode-se dizer que, em média, a superfície das propriedades de famílias pluriativas gaúchas é ocupada com 46,8% de cobertura vegetal, 12,4% é área imprópria para uso, 15% destina-se às pastagens, 11,8% é usada para horta, pomar e/ou hortifrutigrangeiros e apenas 19,7% é ocupada com lavouras temporárias. Na região do Vale do Itajaí, onde situa-se a localidade de Braço do Sul, a proporção média de área que tanto as famílias de pluriativos como de agricultores utilizam com lavouras temporárias não chega a 10% da superfície da propriedade. Ou seja, existem poucas áreas de terra cultivadas com produtos destinados à venda, razão pela qual, como será visto mais adiante, as rendas agrícolas tendem a ser baixas.

Tabela 11⁷²
USO DA TERRA ENTRE PLURIATIVOS E AGRICULTORES
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS (proporções médias – em %)

Uso da terra	% Pluriativos			% Agricultores		
	RS	SC	Total	RS	SC	Total
Total lavouras temporárias	19,7	8,2	12,6	18,0	9,5	13,5
Total matas naturais e reflorestadas	46,8	62,0	56,5	39,8	64,7	52,9
<i>Mata virgem</i>	5,0	15,0	12,5	10,2	13,0	12,1
<i>Mata secundária</i>	21,5	47,0	38,0	26,3	47,6	38,7
<i>Mata reflorestada</i>	25,0	11,1	17,6	16,3	11,9	14,5
Total terra inaproveitável	12,4	8,7	10,1	12,0	11,3	11,6
Pastagens temporárias e perenes	15,0	16,9	16,2	15,5	23,4	19,8
<i>Pastagens plantadas</i>	8,6	6,6	7,5	10,0	4,0	6,6
<i>Pastagens permanentes</i>	10,1	12,2	11,5	11,3	20,5	16,9
Pomar, horta e benfeitorias	11,8	14,1	13,4	21,4	11,1	15,6
<i>Pomar</i>	3,6	3,2	3,4	6,9	9,1	8,0
<i>Horta</i>	5,1	3,0	3,8	7,2	2,8	4,8
<i>Benfeitorias</i>	5,9	12,0	9,8	10,8	3,9	7,2

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

⁷² Os valores da Tabela 11 sobre o uso da terra referem-se a uma proporção média de uso da superfície das propriedades, que é resultante da quantidade total de área ocupada com determinada cultura dividida pelo número de unidades em que é praticada. Assim, pode-se afirmar que, em média, 46,8% da superfície das propriedades de famílias pluriativas gaúchas estava ocupada com matas e florestas plantadas. Mas isso não quer dizer, também, que todas as propriedades pesquisadas tivessem essa mesma área de terra ocupada com tal cultivo e tampouco que todos proprietários plantavam essa mesma proporção. Na verdade, essas proporções médias refletem o que seria uma média de uso da superfície em cada propriedade e, por essa razão, a soma de todos os valores médios das formas de uso da terra não perfazem 100%.

Chama a atenção a elevada proporção da superfície de área ocupada em matas naturais e reflorestadas com variedades nativas e exóticas aparecem como culturas importantes na utilização da terra nos dois Estados, tanto entre famílias de agricultores (56,5%) como famílias pluriativas (52,9%). O reflorestamento com variedades exóticas como a acácia-negra indica que, em Padre Eterno Ilges, elas ocupam, em média, 25% da superfície de área das propriedades de famílias pluriativas, maior que a própria área destinada às lavouras temporárias que chega a 19,7%. Entre as famílias de agricultores gaúchas o reflorestamento com árvores exóticas representa 16,3%, a superfície tomada com mata secundária chega a média de 26,3% e com mata nativa virgem apenas 10,2%. Tais dados indicam, particularmente, uma tendência de redução dos cultivos propriamente comerciais de lavouras que demandam mais mão-de-obra.

Nesse caso, observa-se um efeito direto da pluriatividade sobre os processos produtivos. As famílias pluriativas, em geral mais numerosas e com mais força de trabalho, preferem plantar as variedades silvícolas exóticas, como a acácia-negra, o eucalipto e o pinus, que demandam muita mão-de-obra no momento do plantio, mas poucos tratos culturais. Surge daí a situação que, em outro trabalho (Schneider, 1994, 1999), denominou-se de “cultura de abandono”, que se refere ao plantio da acácia-negra nas pequenas propriedades da região da Colônia Velha alemã no Rio Grande do Sul. Em Padre Eterno Ilges, no Rio Grande do Sul, o reflorestamento de áreas com cultivos silvícolas exóticos possui um expressivo significado para as famílias, ocupando, em média, 25% da superfície das propriedades de pluriativos e 16,3% nas de agricultores. Em ambos os casos, mais de 90% das propriedades gaúchas possuem algum tipo de floresta não-nativa destinada à comercialização. No caso gaúcho, a silvicultura da acácia-negra, árvore leguminosa da qual se extrai o tanino para o curtimento do couro e a madeira, mas serve também como fonte de energia calorífica, reveste-se de importância estratégica para as famílias rurais que a cultivam. Como exige poucos tratos culturais e é de fácil manejo e adaptação ao relevo da região, a cultura da acácia constituiu-se em uma forma de obtenção episódica de renda para os proprietários que a cultivam em áreas de baixa fertilidade e, especialmente no caso dos pluriativos, nas áreas cada vez menos ocupadas com variedades de lavoura. Desse modo, a terra continua a produzir um rendimento (que não ocorre antes de seis anos após o plantio, tempo de maturação do cultivo) mesmo sem ocupar a força de trabalho da família, que em geral passa a se dedicar às atividades não-agrícolas fora da propriedade.

No entanto, uma análise mais acurada dos dados expostos também mostra que a diferença entre famílias pluriativas e famílias de agricultores é pouco

expressiva no que se refere ao uso da terra. A exceção está no item pastagens plantadas, que entre as famílias de agricultores ocupa uma área média de 16,9% e entre as famílias pluriativas 11,5%. Ambas as situações podem ser facilmente explicadas segundo a variável demográfica e a racionalidade das famílias. Primeiro, dado que as famílias de pluriativos são mais jovens e mais numerosas que as famílias de agricultores (e não há uma apropriação de tecnologias mais favorável entre uma e outra), elas conseguem produzir tanto quanto aquelas dedicadas apenas a atividade agrícola. Logo, explica-se porque ambas não se diferenciam em relação as proporções médias de ocupação de área com lavouras temporárias. Segundo, no único quesito em que realmente se diferencia uma da outra, uso de área com pastagem permanente, a explicação acaba reforçando a tese anterior, pois as pastagens permanentes denotam a utilização da terra com a criação de gado para corte e leite, que é uma atividade que pode ser executada sem a presença de muitas pessoas, o que constitui a realidade das famílias de agricultores.

Em Braço do Sul, na região do Vale do Itajaí, também se destaca a média de área que as famílias de agricultores (47,6%) e famílias pluriativas (47%) declararam estar ocupadas com mata secundária. Ou seja, na média, quase 50% da área dos estabelecimentos está ocupada com o chamado “capoeirão”, que é a cobertura vegetal que cresce quando a terra deixa de ser utilizada para fins de cultivo. A explicação desta situação reside, em parte, no relevo acidentado da região (típico da Mata Atlântica). Contudo, a principal razão tem sido o rigoroso controle imposto pelas autoridades ambientais, que chegam até mesmo a proibir a formação de lavouras em áreas de encosta de morros. Assim, os órgãos públicos de fiscalização (especialmente a polícia ambiental catarinense) impuseram sérias restrições às práticas agrícolas dos proprietários rurais, o que explica as baixíssimas proporções médias de cultivos de lavoura nas propriedades das famílias pluriativas (8,2%) e de agricultores (9,5%). Também esta proibição foi apontada pelas famílias pluriativas como uma das principais razões para busca de trabalho fora dos estabelecimentos, em geral nas atividades industriais e comerciais situadas na cidade de Blumenau.

Para conhecer melhor os significados da pluriatividade para o conjunto das unidades familiares, é preciso indagar-se a respeito de suas relações com a atividade agrícola e a dinâmica econômica e produtiva que a propriedade apresenta. Nesse sentido, a combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas por uma mesma unidade pode estar relacionada a variáveis como a forma de uso da terra, o ciclo demográfico familiar, entre outras. Cada um desses aspectos pode provocar mudanças internas diferenciadas na propriedade e na forma como os membros da família, especialmente o chefe (mas não somente ele), organizam e gestionam o processo produtivo. Uma das

preocupações centrais desta pesquisa está relacionada justamente aos efeitos que a pluriatividade pode gerar sobre a propriedade, sobre a família e sobre o processo produtivo.

A relação agricultura e pluriatividade assume características específicas em cada unidade familiar cujos detalhes demandam o estudo aprofundado, em cada caso. No entanto, pode-se conhecer em que medida as famílias pluriativas que possuem ocupações não-agrícolas auxiliam nos trabalhos da propriedade mediante a aferição da frequência com que se envolvem em tais tarefas. A Tabela 12, a seguir, apresenta as informações das respostas das famílias pluriativas gaúchas e catarinenses sobre a alocação de trabalho em atividades agrícolas. Nos dois casos, verificou-se que, em média, 78,4% dos membros das famílias pluriativas fornecem algum tipo de ajuda nos trabalhos da propriedade, o que demonstra, conforme já enfatizado, que a busca de um trabalho não-agrícola não implica necessariamente um rompimento com as atividades propriamente agrícolas ou, pelo menos, com determinadas tarefas da propriedade. Essa elevada proporção ocorre tanto em Padre Eterno Ilges, onde chega a 76,9% o número membros de famílias pluriativas que fornecem ajuda nos trabalhos da propriedade, como em Braço do Sul, onde esta proporção se eleva para 79,2%.

Tabela 12
MEMBROS DAS FAMÍLIAS PLURIATIVAS QUE FORNECEM
ALGUM TIPO DE AJUDA NOS TRABALHOS DENTRO DA PROPRIEDADE
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS.

%	Pluriativos		Total
	RS	SC	
Sim	76,9	79,2	78,4
Não	15,4	20,8	18,9
Sem resposta	7,7	-	2,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Em complementaridade às informações sobre a alocação de trabalho dos membros das famílias pluriativas nas atividades da propriedade (não necessariamente as tarefas agrícolas), buscou-se conhecer a frequência com que ocorriam essas ajudas e auxílios declarados. Nesse caso, verificou-se um comportamento bastante distinto entre os membros das famílias pluriativas gaúchas e catarinenses. Na Tabela 13, verifica-se que, no primeiro caso, 70% dos

membros que auxiliam nas atividades da propriedade declararam fazê-lo de modo “regular” (ou seja, cotidianamente), 20% disseram que as ajudas ocorriam “às vezes” e 10% responderam que auxiliavam quando lhes “sobrava algum tempo”. Em Braço do Sul, esse comportamento é distinto, pois 47,4% declararam ajudar apenas “quando sobrava tempo”, 42,1% auxiliavam de modo “regular” e 10,5% afirmaram que as ajudas ocorriam “às vezes”. Como se percebe, o auxílio dos membros das famílias pluriativas nos trabalhos da propriedade não pode ser desprezado, pois ocorre regularmente e, portanto, se reveste de grande importância para a gestão da unidade produtiva.

Tabela 13
FREQÜÊNCIA (%) COM QUE OS PLURIATIVOS FORNECEM AJUDA
NAS ATIVIDADES DA PROPRIEDADE NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Frequência da ajuda %	RS	SC
Regularmente	70,0	42,1
Às vezes	20,0	10,5
Quando sobra tempo	10,0	47,4
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Conforme já enfatizado, a pluriatividade das unidades familiares pode ser entendida como uma das estratégias das famílias rurais para viabilizar sua reprodução social. A viabilização dessas estratégias dependerá de um conjunto de fatores que se constituem, ao mesmo tempo, de condicionantes internos, como o ciclo demográfico, e influências do exterior, como as pressões do mercado de trabalho ou os efeitos da dinâmica econômica, entre outros aspectos. Cada unidade familiar reage de modo distinto a esse conjunto de fatores e as próprias estratégias adotadas podem variar ao longo do tempo e de acordo com as circunstâncias a serem enfrentadas. Nesse sentido, o recurso às atividades não-agrícolas e à pluriatividade não são imutáveis ou permanentes, pois, nos casos pesquisados, foram encontradas unidades familiares que passaram da condição de famílias pluriativas para famílias de agricultores. Os dados da Tabela 14 indicam que a metade (50%) das famílias de agricultores gaúchas e 69,2% no caso de Braço do Sul declararam que algum dos membros de sua família já havia trabalhado em atividades não-agrícolas.

Tabela 14
FAMÍLIAS DE AGRICULTORES NAS QUAIS ALGUM DOS MEMBROS
JÁ TRABALHOU EM ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

	RS	SC
Sim	50,0	69,2
Não	50,0	23,1
Sem resposta	-	7,7
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias de agricultores que já haviam recorrido à pluriatividade, os membros que deixaram de trabalhar exclusivamente na agricultura em geral eram o chefe da família ou o cônjuge. No Rio Grande do Sul, tanto o chefe como o cônjuge já haviam trabalhado em atividade não-agrícolas (60% cada), mas, em Santa Catarina, os chefes que abandonaram a condição de pluriativos eram a absoluta maioria (77,7%).

Os principais motivos que levaram essas famílias a abandonar a pluriatividade e a combinação da agricultura com outras atividades são variados e não permitem apontar um padrão comum. Os dados da Tabela 15 mostram que as razões dos agricultores gaúchos são distintas daquelas apontadas pelos catarinenses. No caso gaúcho, segundo declararam os “ex-pluriativos”, a principal motivação para que abandonassem essa condição foram os problemas de adaptação à cidade (50%). Em Braço do Sul, os entrevistados apontaram que deixaram as atividades não-agrícolas principalmente devido à aposentadoria (33,3%), ou por razões financeiras (44,4%), entre as quais a baixa remuneração ou o fato de não encontrarem alternativas melhores.

Tabela 15
MOTIVOS QUE LEVARAM OS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES A ABANDONAR O EMPREGO EM ATIVIDADES
NÃO-AGRÍCOLAS NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Motivações para o abandono da pluriatividade	Agricultores (%)	
	RS	SC
Problemas de saúde	25,0	-
Problemas das cidades (violência, desemprego, etc.)	50,0	-
Falecimento	25,0	-
Aposentadoria	-	33,3
Razões financeiras	-	44,4
Distância entre trabalho e moradia era muito longa	-	11,1
Sem resposta	-	11,1
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

5.2 MERCADO DE TRABALHO NÃO-AGRÍCOLA, PLURIATIVIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR

A caracterização do processo produtivo, da propriedade e dos indivíduos que nela habitam permite analisar as relações que as unidades familiares, quer de agricultores ou de pluriativos, estabelecem com o ambiente social e econômico em que estão inseridas. Trata-se, portanto, de elucidar os mecanismos e as estratégias através das quais essas unidades microssociais estabelecem relações com as demais esferas da vida social.

A partir do estudo dessas relações, pretende-se evidenciar os elos através dos quais as famílias e/ou indivíduos se integram à divisão social do trabalho e desvendar as nuances e particularidades dessa inserção. Objetivase, portanto, não apenas identificar e qualificar as relações das unidades familiares com o exterior mas, sobretudo, entender sua racionalidade e sua significação para os agricultores e para os pluriativos. Obviamente, esse exercício interpretativo recolocará em cena várias das questões teóricas e conceituais discutidas, que serão retomadas aqui e cotejadas com os dados obtidos a partir da pesquisa de campo.

Em relação à ocupação da força de trabalho das famílias, pode-se afirmar que há uma significativa parcela de famílias de agricultores que, embora estivessem residindo e vivendo em uma propriedade rural, não estavam ocupadas em atividades agrícolas. Os dados da Tabela 16 indicam que, nas duas comunidades investigadas, apenas pouco mais da metade (55,6%) dos agricultores declarou que sua ocupação principal era a atividade agrí-

cola. Os demais membros das famílias de agricultores nos dois Estados ou eram aposentados (13,9%) ou exerciam serviços auxiliares na propriedade (19,4% dos membros no caso gaúcho e 8,3% no catarinense) como cuidar de pequenos animais, fazer limpeza, etc. Na localidade de Braço do Sul, no Estado de Santa Catarina, 13,9% dos membros das famílias de agricultores ocupavam-se em serviços domésticos como cozinhar, limpar e cuidar de crianças e idosos.

Tabela 16
OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES E PLURIATIVOS NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Atividades	Agricultores (%)		Pluriativos (%)	
	RS	SC	RS	SC
Agrícolas	55,6	55,6	23,2	30,4
Não-agrícolas	-	-	36,2	33,9
Serviços domésticos	-	13,9	15,9	13,9
Ajuda em ativ. não-agrícola que geram rendas	-	2,8	-	-
Aposentado	13,9	13,9	5,8	4,3
Não trabalha*	8,3	5,6	1,4	5,2
Desempregado	-	-	-	0,9
Serviços de auxílio na propriedade**	19,4	8,3	15,9	11,3
Outros	2,8	-	1,4	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

* Considera-se com “não trabalha” as crianças menores de 5 anos de idade, os inválidos, os deficientes e os idosos impossibilitados de exercer qualquer tipo de atividade física.

** Define-se como serviços de auxílio na propriedade as atividades que desfrutam do *status* de ajuda ou apoio, como o cuidado de pequenos animais, limpeza, etc., realizadas por crianças entre os 5 e 14 anos de idade.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que diz respeito às famílias de pluriativos, elas se caracterizam por ocupar a maior parte de seus membros em atividades não-agrícolas. Essas formas de ocupação alcançam 36,2%, nas famílias gaúchas, e chegam a 33,9%, entre as famílias pluriativas catarinenses. Nesse caso, contudo, o mais importante a salientar é a combinação significativa que há entre atividades agrícolas e não-agrícolas, entre os diferentes membros das famílias. Em Padre Eterno Ilges, na microrregião da Encosta da Serra gaúcha, a presença de indivíduos que se ocupam do trabalho agrícola entre as famílias pluriativas chegou a ser de 23,2%, e no caso catarinense foi um pouco superior, atingindo 30,4%. Esses dados demonstram que não é o fato da família ser pluriativa ou ter um ou

outro membro empregado em atividades não-agrícolas que retira a importância da agricultura para essas famílias.⁷³ Nesse caso, a atividade fora da propriedade pode ser apenas um trabalho acessório ou temporário para fazer frente às dificuldades conjunturais da atividade principal. Por essa razão, as atividades domésticas (provavelmente dos membros mais jovens e/ou idosos) ocupam a terceira posição de importância entre as famílias de pluriativos (15,9% no caso gaúcho e 13,9% no catarinense).

Entre as famílias pluriativas não se verifica distinção significativa entre homens e mulheres com relação à ocupação principal da força de trabalho em atividades agrícolas, registrando-se uma variação entre 20% a 31,6%, conforme indicado na Tabela 17, a seguir. Contudo, no que se refere às atividades não-agrícolas, percebe-se uma nítida tendência dos homens de ocupação dos postos de trabalho nessas tarefas. Em Padre Eterno Ilges, em 47,1% das situações os homens declararam que sua ocupação principal era uma atividade não-agrícola, ao passo que apenas 25,7% das mulheres afirmaram trabalhar nestas atividades. Já em Braço do Sul, a proporção de homens que se ocupavam em atividades não-agrícolas chegou a 44,8%, para apenas 22,8% de mulheres. Portanto, tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina, a pluriatividade, como atividade principal, revela-se uma ocupação preponderantemente masculina. Outro aspecto que a divisão sexual do trabalho evidencia nessas famílias é que são raros os membros masculinos que declaram ter como ocupação principal os serviços domésticos, indicando que este ainda continua a ser um campo de amplo domínio das mulheres.

---

⁷³ Não se pode esquecer que os dados referem-se à atividade principal com a qual se ocupam todos os membros da família, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos. Desse modo, os percentuais da tabela anterior referem-se a valores absolutos diferentes (que é o “n” total de indivíduos das famílias), que resultam da soma de todos os indivíduos (divididos entre agricultores ou pluriativos) ocupados e não-ocupados.

Tabela 17
ATIVIDADE PRINCIPAL DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS PLURIATIVAS,
SEGUNDO SEXO, NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Atividades	Pluriativos (%)				Total	
	Masculino		Feminino			
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Agrícolas	26,5	29,3	20,0	31,6	23,2	30,4
Não-agrícolas	47,1	44,8	25,7	22,8	36,2	33,9
Serviços domésticos	2,9	-	28,6	28,1	15,9	13,9
Aposentados	2,9	5,2	8,6	3,5	5,8	4,3
Não trabalha*	2,9	5,2	-	5,3	1,4	5,2
Outros	2,9	-	-	-	1,4	-
Desempregados	-	1,7	-	-	-	0,9
Serviços de auxílio na propriedade**	14,7	13,8	17,1	8,8	15,9	11,3

(*) e (**), conforme notas da Tabela 16.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Tabela 18
ATIVIDADE PRINCIPAL DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES, SEGUNDO SEXO, NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Atividades	Agricultores (%)				Total	
	Masculino		Feminino			
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Agrícolas	64,7	80,0	47,4	38,1	55,6	55,6
Serviços domésticos	-	-	-	23,8	-	13,9
Não-agrícolas dentro da propriedade	-	-	-	4,8	-	2,8
Aposentado	5,9	13,3	21,1	14,3	13,9	13,9
Não trabalha*	5,9	6,7	10,5	4,8	8,3	5,6
Outros	-	-	5,3		2,8	-
Serviços de auxílio na propriedade**	23,5	-	15,8	14,3	19,4	8,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) e (**), conforme notas da Tabela 16.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Em relação aos membros das famílias de agricultores, as ocupações principais segundo sua separação por sexo indicam que há um significativo predomínio dos homens no exercício das atividades agrícolas. Na região gaúcha da Encosta da Serra, 64,7% dos homens e 47,4% de mulheres declaram que a agricultura era sua principal ocupação, enquanto na região catarinense do Vale do Itajaí essa proporção subiu para 80% entre os homens e 38,1% das mulheres, conforme mostra a Tabela 18. Em Padre Eterno Ilges, 21,1% das mulheres agricultoras estavam aposentadas e, em Braço do Sul, 23,8% delas tinha como ocupação principal as atividades domésticas.

Outra dimensão das famílias, apresentada na Tabela 19, que pode ser analisada a partir da ocupação principal é quanto à sua posição na hierarquia familiar. Entre as famílias de agricultores, 69,6% do chefes, 57,1% dos cônjuges e 43,3% dos filhos acima de 14 anos de idade tinham como ocupação principal as atividades agrícolas, corroborando a afirmativa anterior de que nem mesmo os próprios agricultores têm como trabalho principal uma atividade agrícola. Na verdade, isso se deve ao fato de que mais de 20% de chefes e de cônjuges (26,1% e 21,4%, respectivamente), entre os agricultores, declararam que sua ocupação principal é ser aposentado, embora isto não signifique que não trabalhem mais.

Tabela 19
OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES SEGUNDO SUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA
NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Atividades	Posição na família (%)				
	Chefe	Cônjuge	Filhos	Avós	Outros
Agrícolas	69,6	57,1	43,3	-	75,0
Serviços domésticos	4,3	14,3	6,7	-	-
Ativ. não-agrícolas dentro propriedade	-	7,1	-	-	-
Aposentado	26,1	21,4	-	100,0	-
Não trabalha*	-	-	16,7	-	-
Outros	-	-	3,3	-	-
Serviços de auxílio na propriedade**	-	-	30,0	-	25,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) e (**), conforme notas da Tabela 16.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias de pluriativos, nos dois Estados, os chefes e os cônjuges (pouco mais de 51% em ambos os casos) também declararam que sua principal ocupação é uma atividade agrícola, embora também sejam

expressivas as proporções daqueles que afirmaram que sua principal ocupação era uma atividade não-agrícola (45,9% e 24,2%, respectivamente). Por outro lado, tal como indica a Tabela 20, chega a quase 40% o percentual de filhos, com idade superior a 14 anos, que têm como ocupação principal uma atividade não-agrícola. Pelo tipo de força de trabalho que as indústrias têxteis, no Vale do Itajaí em Santa Catarina, e calçadistas, na Colônia Velha alemã no Rio Grande do Sul, demandam, é possível que haja uma preferência pela contratação de indivíduos mais jovens.

Tabela 20
OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS
DE PLURIATIVOS SEGUNDO SUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA
NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Atividades	Posição na família (%)				
	Chefe	Cônjuge	Filhos	Avós	Outros
Agrícolas	51,4	51,5	15,6	-	-
Não-agrícolas	45,9	24,2	38,5	-	22,2
Serviços domésticos	-	24,2	17,7	11,1	11,1
Aposentado	2,7	-	-	88,9	-
Não Trabalha*	-	-	3,1	-	44,4
Outros	-	-	1,0	-	-
Desempregado	-	-	1,0	-	-
Serviços de auxílio na propriedade**	-	-	22,9	-	22,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

(*) e (**), conforme notas da Tabela 16.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que se refere aos principais ramos de atividades que empregam a mão-de-obra das famílias pluriativas, em Padre Eterno Ilges e em Braço do Sul, não resta dúvida de que a indústria, especialmente os setores têxtil e calçadista, é o ramo que mais recruta esse tipo de força de trabalho. No caso gaúcho, como indica a Tabela 21, o ramo industrial absorve 84% dos pluriativos que trabalham em atividades não-agrícolas e, no caso catarinense, essa proporção diminui para 59%. Nesse último caso, vale a pena registrar que a alocação da mão-de-obra dos pluriativos é um pouco mais diversificada frente ao caso gaúcho e se estende para outros ramos como a construção civil e a transformação artesanal.

Tabela 21
PRINCIPAIS RAMOS DE ATIVIDADE NÃO-AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
PLURIATIVAS NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Ramos	Pluriativos (%)	
	RS	SC
Indústria	84,0	59,0
Comércio	4,0	5,1
Construção civil	-	12,8
Transformação artesanal	-	7,7
Transporte	-	2,6
Serviço público	8,0	5,1
Serviços pessoais	-	2,6
Sem resposta	4,0	5,1

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Em Padre Eterno Ilges, a preponderância do ramo industrial como principal empregador da força de trabalho fica ainda mais evidente quando separam-se os membros das famílias pluriativas segundo o sexo, conforme dados apresentados na Tabela 22, a seguir. Nesse caso, 75% dos membros pluriativos do sexo masculino e todas as mulheres encontram-se empregados na indústria. Já em Braço do Sul, a estratificação segundo o sexo dos membros pluriativos acaba permitindo, ao mesmo tempo, visualizar melhor a diversidade de ramos que absorvem a força de trabalho pluriativa masculina e acusar o aumento dos pluriativos do sexo feminino que estão ocupados no ramo industrial (69,2%).

Tabela 22
PRINCIPAIS RAMOS DE ATIVIDADE NÃO-AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
PLURIATIVAS, SEGUNDO O SEXO, NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Ramos	Masculino (%)		Feminino (%)	
	RS	SC	RS	SC
Indústria	75,0	53,8	100,0	69,2
Comércio	6,2	3,8	-	7,7
Construção civil	-	19,2	-	-
Transformação artesanal	-	11,5	-	-
Transporte	-	3,8	-	-
Serviço público	12,5	3,8	-	7,7
Serviços pessoais	-	-	-	7,7
Sem resposta	6,2	-	-	-
Total	-	3,8	-	7,7

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

As famílias pluriativas gaúchas e catarinenses mais jovens trabalham exclusivamente no ramo industrial, conforme indicado na Tabela 23, a seguir. Entretanto, à medida que aumentam as faixas de idade, a participação no emprego industrial vai regredindo, passando para 74,1% entre os que possuem idades entre 19 e 34 anos, e para 61,1% entre os que se situam na faixa entre 35 a 59 anos. Essa informação nos permite concluir que as chances de obtenção de um emprego no ramo industrial têxtil ou calçadista são diretamente proporcionais à idade dos candidatos, sendo preferidos os mais jovens.

Tabela 23
PRINCIPAIS RAMOS DE ATIVIDADE NÃO-AGRÍCOLAS
DAS FAMÍLIAS PLURIATIVAS, SEGUNDO FAIXAS DE IDADE,
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Ramos	Faixas de idade (%)			
	11 a 18	19 a 34	35 a 59	60 ou mais
Indústria	100,0	74,1	61,1	-
Comércio	-	3,7	11,1	-
Construção civil	-	11,1	5,6	-
Transformação artesanal	-	3,7	-	100,0
Transporte	-	-	5,6	-
Serviço público	-	7,4	11,1	-
Serviços pessoais	-	-	5,6	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre os membros das famílias pluriativas gaúchas há dúvidas sobre as vantagens financeiras de empregar-se em atividades não-agrícolas. A Tabela 24 mostra que apenas 46,2% dos membros pluriativos gaúchos consideraram que o trabalho não-agrícola representa a melhor forma de ganhar dinheiro. Para uma proporção expressiva de 23,1%, trata-se tão-somente de uma alternativa ao trabalho penoso e pouco rentável da agricultura. Mas há também 15,4% de pluriativos gaúchos que são indiferentes ao seu significado, pois consideraram que o trabalho em atividades não-agrícolas é apenas um tipo de emprego ou trabalho como outro qualquer. Já os membros das famílias pluriativas catarinenses mostraram-se mais convencidos em relação ao significado monetário dos trabalhos não-agrícolas, pois quase 80% destacaram que é a melhor forma de ganhar dinheiro, seguidos por uma minoria de 12,5% que a consideraram uma alternativa ao trabalho agrícola.

Tabela 24
SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO EM ATIVIDADES
NÃO-AGRÍCOLAS, SEGUNDO AS FAMÍLIAS PLURIATIVAS,
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Opiniões dos pluriativos (%)	RS	SC
Melhor forma de ganhar dinheiro	46,2	79,2
Alternativa ao trabalho na agricultura	23,1	12,5
Atividade complementar à agricultura	-	4,2
Alternativa temporária frente às dificuldades na agricultura		4,2
Possibilidade de arranjar trabalho para os jovens	7,7	-
Opção de emprego como outra qualquer	15,4	-
Possibilidade dos filhos continuarem os estudos	7,7	-
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

5.3. O PAPEL DA PLURIATIVIDADE NA REPRODUÇÃO SOCIAL DAS FAMÍLIAS RURAIS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS RENDAS AGRÍCOLAS E NÃO-AGRÍCOLAS

O debate sobre as rendas é um tema controvertido sobre o qual é difícil estabelecer um consenso no terreno metodológico. Entre os principais problemas pode-se citar, por exemplo, a extrema dificuldade dos pesquisadores em obter dados fidedignos e confiáveis dos seus entrevistados, devido à resistência ou omissão em fornecer informações sobre assuntos de ordem privada. Não obstante essas dificuldades, os estudos sociológicos mais recentes incorporam de forma crescente a variável renda como um indicador que permite identificar os mecanismos de reprodução social de determinados grupos sociais.

Esse também é o objetivo da análise que se pretende empreender nesta seção. Contudo, não se trata de discutir as rendas agrícolas e não-agrícolas ou seu valor mercantil exclusivamente do ponto de vista da satisfação das necessidades. Ao contrário, busca-se identificar a sua origem (agrícola, não-agrícola ou outra), verificar quem são os indivíduos das unidades familiares que as produzem, analisar a forma como são repartidos e avaliar seu destino no interior das unidades familiares.

No que se refere à origem dos rendimentos, o ramo industrial aparece como a principal fonte dos ganhos em atividades não-agrícolas das famílias pluriativas estudadas na comunidade de Padre Eterno Ilges (pertencente ao município de Santa Maria do Herval), no Rio Grande do Sul, e Braço do Sul, distrito de Vila Itoupava (pertencente ao município de Blumenau), em Santa Catarina. Em ambos os locais, conforme mostra a Tabela 25, a seguir, as famílias pluriativas que ti-

nham membros ocupados na indústria chegavam a 76,9% na localidade de Padre Eterno Ilges e a 50%, em Braço do Sul. No caso gaúcho, a segunda posição é dividida entre três outros ramos, e no caso catarinense, a construção civil é responsável por 20,8% das ocupações dos pluriativos, seguida pela transformação artesanal (12,5%).

Tabela 25
RAMOS DE ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS QUE GERARAM
MAIORES RENDIMENTOS PARA AS FAMÍLIAS PLURIATIVAS,
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Ramos de atividades	RS		SC	
	n	%	n	%
Indústria	10	76,9	12	50,0
Construção civil	-	-	5	20,8
Transformação artesanal	-	-	3	12,5
Serviços pessoais	-	-	1	4,2
Serviço público	1	7,7	1	4,2
Comércio	1	7,7	1	4,2
Transporte	1	7,7	1	4,2
Total	13	100,00	24	100,00

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Antes de passar à análise dos dados gerados a partir das informações coletadas pela pesquisa de campo, convém um esclarecimento sobre a maneira segundo a qual eles foram gerados e construídos. Nas entrevistas com as famílias de agricultores e de pluriativos, o entrevistado foi convidado a indicar a origem da renda mensal de sua família, fazendo o cálculo em salários mínimos. Quando havia mais de um indivíduo ocupado em uma mesma atividade, procedia-se à soma, em salários mínimos, dos valores que esses auferiam por mês, e marcava-se a faixa salarial correspondente. No entanto, no momento da compilação dos dados, verificou-se que os valores que os entrevistados informavam como rendas obtidas com as atividades agrícolas tinham uma natureza diversa daquelas rendas que eram auferidas em atividades não-agrícolas. No primeiro caso, o entrevistado informava o montante das receitas líquidas obtidas como resultado do trabalho agrícola. Mas este cálculo não considerava os gastos com a remuneração da força de trabalho, a depreciação da maquinaria ou os gastos com equipamentos e instalações, e, igualmente, não considerava também como renda os valores que deixavam de ser gastos com a alimentação da família, produzidos na própria propriedade. Portanto, o que o entrevistado informava como “renda”, na verdade constituía-se em

seu excedente econômico, ou seja, aquilo que (em valores aproximados) ele embolsava na forma de dinheiro ao final de um mês. Situação inversa ocorria com os rendimentos gerados pelas atividades não-agrícolas, em geral advindos de fora da propriedade, quando o indivíduo recebia o equivalente ao valor da venda de sua força de trabalho. Para os pluriativos, esses valores correspondiam à sua renda mensal, ou seja, era a soma total da quantidade de dinheiro que mensalmente recebiam pelo seu trabalho, ainda que não descontados os valores das despesas correntes e dos custos de sua manutenção.

Comparando essas duas situações, percebe-se que há aspectos que as assemelham e outros que as diferenciam radicalmente. O que há de comum é que, em ambos os casos, as somas monetárias obtidas são oriundas do cálculo dos valores, na forma de dinheiro, que a família recebe ao final de cada mês de trabalho. Por outro lado, ao se compararem os ganhos gerados pelas atividades agrícolas e não-agrícolas, percebe-se que as primeiras acabam sendo subestimadas em função do tipo de cálculo realizado pelo agricultor. Para o agricultor, sua “renda” representa a receita líquida que é decorrente do cálculo daquilo que “sobra”, depois de realizados todos os descontos e pagamentos (ainda que não incluídos neste cálculo os quesitos anteriormente mencionados). Para os pluriativos, os ganhos com as atividades não-agrícolas, obtidos pela remuneração de atividades em geral executadas fora da propriedade, aparecem em montantes quase sempre maiores, sem considerar que desse valor deverão ainda ser subtraídos, posteriormente, os gastos com alimentação, moradia, vestimentas, etc. Assim, estabelecem-se diferenças fundamentais entre essas duas formas de obtenção dos rendimentos em dinheiro, operando-se em um caso com a renda líquida e noutro com a “renda bruta”. Por esta razão, o que se compara, efetivamente, são as entradas monetárias realizadas por famílias de agricultores e famílias pluriativas. Essas entradas monetárias expressam os valores auferidos em dinheiro pelos membros dessas famílias sem levar em conta nenhum tipo de despesa ou depreciação a elas vinculado. Isto significa, na prática, que a análise aqui realizada busca apresentar e comparar os ganhos monetários em dinheiro das famílias de agricultores e famílias pluriativas.

A Tabela 26, a seguir, revela os valores médios⁷⁴ das entradas monetárias das famílias de agricultores e famílias pluriativas. A primeira observação é que a média das entradas monetárias das famílias pluriativas é o dobro em relação às famílias de agricultores. As famílias pluriativas em Santa Maria do Herval obtêm, em média, entradas monetárias mensais que giram em torno de 6,8 salários mínimos e, em Blumenau, as entradas médias chegam a 6,1 salários mínimos. Já

---

⁷⁴ Esta média resulta da soma de todos os salários mínimos declarados e divididos pelo número de respondentes.

as famílias de agricultores possuem uma média geral de entradas monetárias mensais que chega apenas à metade daquelas obtidas pelas famílias pluriativas. As famílias de agricultores gaúchos conseguem somar, em média, ganhos em dinheiro que giram por volta dos 3,1 salários mínimos por mês e as famílias de agricultores catarinenses obtêm, em média, entradas de 3,2 salários mínimos mensais.

Tabela 26
ENTRADAS MONETÁRIAS DAS FAMÍLIAS DE PLURIATIVOS
E DAS FAMÍLIAS DE AGRICULTORES NAS COMUNIDADES
SELECIONADAS (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)¹

Origem das entradas monetárias	Pluriativos			Agricultores		
	RS	SC	Total	RS	SC	Total
Atividade agrícola	1,1	1,8	1,5	2,1	1,3	1,7
Atividade não-agrícola	4,3	4,1	4,2	-	-	-
Atividade não-agrícola dentro da propriedade ²	2,0	0,8	1,4	1,0	0,6	0,7
Aposentadorias	1,6	1,8	1,7	2,0	3,0	2,7
Outras entradas (aluguéis, juros, ajudas)	2,0	-	2,0	-	2,0	2,0
Entradas eventuais de trabalhos temporários	0,9	1,3	1,1	-	1,0	1,0
Média de todas as entradas monetárias por família	6,8	6,1	6,3	3,1	3,2	3,2

¹ Um salário mínimo equivalia a R\$ 130,00, em setembro de 1998, quando foi realizada a pesquisa de campo.

² São rendas advindas de atividades não-agrícolas como o artesanato, o beneficiamento ou processamento da produção agropecuária (embutidos de carnes, doces, etc), realizadas dentro da própria propriedade.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias pluriativas, a principal fonte de renda são as atividades não-agrícolas, que em média aportam 4,2 salários mínimos mensais para essas famílias. Entretanto, também merecem destaque as entradas monetárias que as famílias pluriativas obtêm com as aposentadorias, que em média atingem 1,7 salários mínimos por mês. Na localidade de Padre Eterno Ilges, no Rio Grande do Sul, as entradas das famílias pluriativas com aluguéis de casas nas cidades também é importante e chega a representar uma renda média mensal de 2 salários mínimos.

Em relação às fontes de rendimentos das famílias de agricultores, a principal conclusão que pode ser extraída dos dados da pesquisa de campo é a de que mais de dois terços (84%) das suas entradas monetárias provêm das aposentadorias que recebem. Ou seja, dos 3,2 salários mínimos, em média, que obtêm como rendimentos monetários e embolsam na forma de dinheiro, 2,7

salários mínimos são oriundos das transferências sociais públicas via pagamento de aposentadorias ou pensões. Nesse caso, não seria exagero afirmar que é o Estado que mantém essas famílias de agricultores, pois suas entradas monetárias dependem significativamente dos ganhos obtidos com aposentadorias. No caso gaúcho, o dinheiro ganho com as atividades agrícolas dos agricultores chega praticamente a igualar-se (em média, 2 salários mínimos) com as entradas obtidas com as aposentadorias. Em Braço do Sul, as transferências sociais (em média, 3 salários mínimos) representam mais do que o dobro dos ganhos monetários obtidos na agricultura (1,3 salários mínimos).

Como se percebe, as entradas monetárias das famílias de agricultores expressam, de modo bastante fidedigno, a forma de utilização da propriedade e as características do grupo familiar e do processo produtivo. Conforme destacado anteriormente, as famílias de agricultores são formadas, em sua maioria, apenas pelos cônjuges, com idades médias bastante superiores às famílias pluriativas que, além disso, cultivam pequenas faixas de terra com lavouras de produtos destinados majoritariamente ao autoconsumo. Portanto, em função dessas características, vendem muito pouco de sua produção agrícola e, em consequência, são baixas as rendas agrícolas, o que as obriga, conforme mostra a tabela anterior, a sobreviverem basicamente das transferências sociais.

Já as famílias pluriativas são mais numerosas e mais jovens, com vários de seus membros em idade ativa para o trabalho. Sua produção agrícola também é destinada basicamente ao autoconsumo da unidade familiar e, em geral, é o chefe que permanece na propriedade enquanto os demais membros trabalham em atividades não-agrícolas. No entanto, ao contrário das famílias que vivem exclusivamente das rendas agrícolas, essas famílias têm como fonte principal de rendas monetárias as atividades não-agrícolas, o que lhes confere uma característica absolutamente distinta.

Apesar das limitações em relação à aferição dos rendimentos antes destacadas, no questionário que orientou o levantamento de dados nos dois casos estudados foi incluída uma pergunta sobre o saldo financeiro mensal que o entrevistado considerava alcançar, após deduzidos todos os gastos e despesas de sua família. Nessa questão, a família de agricultores ou a família pluriativa, conforme o caso, era estimulada a fornecer o saldo financeiro em salários mínimos que considerava ser “o lucro” de seu trabalho. Entendido dessa forma, esse saldo, na verdade, representa o excedente econômico produzido pelas famílias de agricultores e famílias pluriativas.

Tabela 27
EXCEDENTE ECONÔMICO MÉDIO DAS FAMÍLIAS DE PLURIATIVOS
E FAMÍLIAS DE AGRICULTORES NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Faixas de salários mínimos ¹	Pluriativos (%)			Agricultores (%)		
	RS	SC	Total	RS	SC	Total
Não sobra nada	7,7	29,2	21,6	-	38,5	21,7
até 0,5	15,4	8,3	10,8	40,0	-	17,4
de 0,5 a 1	61,5	20,8	35,1	10,0	30,8	21,7
de 1 a 2	7,7	16,7	13,5	30,0	7,7	17,4
de 2 a 3	7,7	4,2	5,4	10,0	7,7	8,7
de 3 a 4	-	8,3	5,4	-	-	-
de 7 a 8	-	4,2	2,7	-	-	-
Sem resposta	-	8,3	5,4	10,0	15,4	13
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100

¹ Um salário mínimo equivalia a R\$ 130,00, em setembro de 1998, quando foi realizada a pesquisa de campo.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Ao se realizarem as entrevistas, evidenciou-se que o assunto gerava desconforto e até mesmo desconfiança entre os inquiridos. Em consequência, os valores revelados pelos entrevistados devem ser tomados com certa cautela. No entanto, acredita-se que esses dados sejam satisfatórios pois, em última análise, a probabilidade de que não sejam absolutamente objetivos é a mesma dos dados levantados nas pesquisas dos censos realizados pelo IBGE ou das declarações anuais de renda para a Receita Federal, uma vez que foi mantido semelhante rigor e isenção no momento da coleta das informações. A dúvida acerca das respostas do entrevistado sobre seu saldo monetário ao final de um mês não compromete, acredita-se, a confiabilidade das informações prestadas e não autoriza, portanto, que os dados obtidos sejam colocados sob suspeição.

Feitas todas as ressalvas quanto ao sigilo das informações, ainda assim muitos entrevistados optaram por declarar que não obtêm nenhum tipo de excedente ou lucro, o que na verdade também pode ser interpretado como uma forma de furtrar-se a responder ao questionamento. Entre aqueles que responderam, especialmente as famílias gaúchas, percebeu-se que os excedentes das famílias pluriativas são relativamente superiores aos das famílias de agricultores. As famílias de pluriativos que possuem um excedente mensal de até um salário mínimo são 76,9% em Santa Maria do Herval e 29,1%, em Blumenau. Neste último caso, no entanto, as famílias pluriativas que têm excedentes

mensais acima de um salário mínimo somam 33,4%, o que se deve em grande parte aos melhores salários pagos pelas indústrias têxteis da região. Em Padre Eterno Ilges, 50% dos excedentes dos agricultores situam-se na faixa com até um salário mínimo mensal e, em Braço do Sul, chegam a 30,8%. No caso gaúcho, há uma parcela expressiva de 40% de famílias de agricultores que declararam possuir excedentes acima de um salário.

Além das entrevistas em relação às suas rendas, existem outros mecanismos para obter informações e indicadores sobre os rendimentos. Um desses mecanismos refere-se à apuração de informações sobre a posse de bens e o investimento do excedente monetário. Em relação a este último, as famílias foram questionadas acerca da posse de caderneta de poupança e a regularidade de depósitos, o que indica a existência ou não de algum excedente para utilização futura, bem como a aplicação de dinheiro em outros investimentos.

A Tabela 28, a seguir, apresenta as informações sobre a forma de utilização dos excedentes nas famílias de agricultores e nas famílias pluriativas nos dois Estados, enfatizando a posse de poupança, o depósito em dinheiro e o investimento em outros negócios, nos últimos doze meses anteriores à data da entrevista. Na comparação dos dois Estados, entre as famílias pluriativas, percebeu-se uma diferença expressiva, comparando-se os gaúchos que possuem poupança (84,6%) e os catarinenses (41,7%), embora sejam muito próximas as proporções daqueles que depositaram algum dinheiro na poupança nos últimos doze meses. Além disso, ambos não diferem muito no que se refere a outros investimentos (construção de moradias, aquisição de imóveis, por exemplo), havendo apenas 15,4% de gaúchos e 20,8% de catarinenses que afirmaram realizar gastos em outros investimentos.

Tabela 28
CADERNETA DE POUPANÇA, DEPÓSITO DE DINHEIRO NOS ÚLTIMOS DOZE MESES E OUTROS INVESTIMENTOS DE FAMÍLIAS PLURIATIVAS E FAMÍLIAS DE AGRICULTORES NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

		(%) Possui poupança			(%) Depositou dinheiro			(%) Outro investimento		
		sim	não	nr	sim	não	nr	sim	não	nr
Pluriativos	RS	84,6	15,4	-	46,2	53,8	-	15,4	46,2	38,5
	SC	41,7	45,8	12,5	37,5	50,0	12,5	20,8	79,2	-
Agricultores	RS	70,0	30,0	-	30,0	70,0	-	20,0	80,0	-
	SC	61,5	38,5	-	61,5	38,5	-	7,7	92,3	-

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que se refere às famílias de agricultores, verifica-se que são relativamente similares as proporções de gaúchos (70%) e catarinenses (61,5%) que possuem caderneta de poupança. No entanto, o mesmo não ocorre em relação ao quesito seguinte, pois 61,5% das famílias de agricultores catarinenses declararam ter aplicado algum dinheiro nos últimos doze meses, ao passo que apenas 30% dos gaúchos o fizeram. Com relação ao investimento em outros imóveis, em ambos os locais são pouco expressivos os índices daqueles que realizam tais empreendimentos.

Ao se confrontar as famílias de agricultores e as famílias pluriativas a partir das informações obtidas através da pesquisa de campo, percebe-se que as famílias pluriativas catarinenses são os que possuem os índices mais baixos entre os que declararam possuir caderneta de poupança. Por outro lado, a maior frequência de depósitos é realizada pelas famílias de agricultores catarinenses, que são justamente aqueles que possuem as maiores idades e cujas rendas oriundas de aposentadorias alcançam o índice mais elevado. Tal situação se deve ao fato de que essas famílias de agricultores, em sua ampla maioria, percebem aposentadorias de atividades não-agrícolas, no caso específico advindas de seu emprego nas indústrias têxteis da região. Após conquistarem a aposentadoria, voltam a trabalhar exclusivamente na agricultura e a somar aos ganhos da atividade agrícola os benefícios previdenciários, o que em geral lhes garante um bom padrão de bem-estar.

Uma das formas para caracterizar a pluriatividade como uma estratégia de reprodução das unidades familiares é demonstrar as relações existentes entre a agricultura e as atividades não-agrícolas. Há, obviamente, diversos mecanismos de relacionamento entre estas duas esferas econômicas (a propriedade, de um lado, e o mercado, de outro), podendo-se afirmar que, em sua essência, trata-se das diferentes formas de interação da unidade de produção e da unidade doméstica com o ambiente em que se inserem as unidades familiares. Entretanto, é inegável que os mecanismos de alocação dos rendimentos obtidos pelos membros das famílias exercem um papel central sobre o modo pelo qual cada unidade gerencia os meios para garantir a sua reprodução social.

Um dos aspectos fundamentais à garantia da reprodução das unidades familiares, portanto, refere-se ao destino e à alocação dos resultados financeiros do trabalho. Trata-se, enfim, de saber quais são os alvos preferenciais das decisões de gasto e de investimento das famílias e de verificar quais são as diferenças entre as unidades familiares de agricultores e famílias pluriativas a este respeito. Aqui, a hipótese fundamental a ser esclarecida refere-se à influência dos rendimentos obtidos em atividades não-agrícolas sobre o processo produtivo e a unidade de produção como um todo. Na verdade, a interrogação central está em saber se a pluriatividade constitui-se em

uma estratégia orientada para garantir a viabilização econômica das propriedades, frente às pressões externas, ou se decorre de uma opção voluntária e individual dos membros das famílias, que em muitos casos leva ao abandono da própria agricultura como atividade principal da unidade familiar.

Conforme salientado anteriormente, as unidades familiares agrícolas diferenciam-se fundamentalmente das unidades familiares pluriativas pela combinação de mais de uma atividade e, em decorrência, pela existência de mais uma fonte de rendimentos. Assim, iniciou-se a análise da alocação das entradas monetárias nas unidades familiares agrícolas e pluriativas pelas observação do destino dos recursos gerados pela agricultura. A metade (50%) dos agricultores gaúchos entrevistados declarou, conforme mostra a Tabela 29, que o dinheiro ganho com essa atividade destinava-se à subsistência da família e outros 20% responderam que utilizavam a maior parte do dinheiro em medicamentos. Já os agricultores catarinenses componentes da amostra afirmaram que gastam suas receitas monetárias advindas da agricultura, em igual proporção, na subsistência e nas despesas pessoais.

Tabela 29
PRINCIPAL DESTINO DAS RECEITAS AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
DE AGRICULTORES NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Destino das receitas agrícolas	RS		SC	
	n	%	n	%
Investimentos na propriedade	1	10,0	-	-
Subsistência	5	50,0	5	38,5
Investimentos na propriedade e aumento do conforto doméstico	1	10,0	-	-
Despesas pessoais de todo tipo	-	-	5	38,5
Medicamentos	2	20,0	-	-
Investimentos na propriedade e subsistência	1	10,0	-	-
Não vende produtos agrícolas	-	-	2	15,4
Não sabe / não respondeu	-	-	1	7,7
Total	10	100,0	13	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias pluriativas, conforme indicado na Tabela 30, tanto na região da Encosta da Serra gaúcha como no Vale do Itajaí catarinense, o principal destino das receitas obtidas com as atividades agrícolas foi a ampliação das chances de subsistência (38,5% e 41,7%, respectivamente). A utilização

dos ganhos nas atividades agrícolas e nos investimentos na propriedade, no caso gaúcho, equipara-se com o item anterior (38,5%). Já em Braço do Sul, o dinheiro das receitas agrícolas também é destinado para as despesas pessoais (29,2%).

Tabela 30
PRINCIPAL DESTINO DAS RECEITAS AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
PLURIATIVAS NAS COMUNIDADE SELECIONADAS

Destino das receitas agrícolas	RS		SC	
	n	%	n	%
Investimentos na propriedade	3	23,1	-	-
Subsistência	5	38,5	10	41,7
Aumento do conforto da casa	-	-	-	-
Investimento na propriedade e aumento do conforto doméstico	5	38,5	1	4,2
Despesas pessoais	-	-	7	29,2
Não há renda agrícola	-	-	6	25,0
Total	13	100	24	100

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Além dos ganhos financeiros oriundos das atividades agrícolas, as famílias pluriativas também contam com as entradas monetárias advindas das atividades não-agrícolas, conforme indica a Tabela 31. Neste caso, poder-se-á verificar qual o destino dos rendimentos obtidos nessas atividades. Em ambos os Estados, os dados da pesquisa de campo revelam que estas receitas destinam-se prioritariamente às despesas com a subsistência dos membros pertencentes ao núcleo familiar (38,5% no caso gaúcho e 50% entre os catarinenses). Além de serem utilizados na subsistência, esses recursos também são destinados a outros itens, como despesas pessoais (33,3% em Santa Catarina), investimentos e conforto domésticos (15,4% em Padre Eterno e 8,3% em Braço do Sul).

Tabela 31
PRINCIPAL DESTINO DAS RECEITAS NÃO-AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
PLURIATIVAS NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Destino das receitas não-agrícolas	RS		SC	
	n	%	n	%
Investimentos na propriedade	-	-	1	4,2
Subsistência	5	38,5	12	50,0
Aumento do conforto da casa	2	15,4	1	4,2
Investimento na propriedade e aumento do conforto doméstico	2	15,4	2	8,3
Despesas pessoais	2	15,4	8	33,3
Estudo dos filhos	2	15,4	-	-
Total	13	100,0	24	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Além de investigar o destino dos rendimentos obtidos com as atividades agrícolas e não-agrícolas das unidades familiares, também se buscou averiguar de que forma foram divididas essas entradas financeiras no interior do núcleo familiar. De certo modo, a repartição dos bens entre os membros que compõe o núcleo doméstico também expressa determinado tipo de relações de poder e de hierarquia familiar. Trata-se, nesse caso, das relações de gênero, que em geral caracterizam as famílias de agricultores ou camponeses, tal como já foi analisado por Carneiro (1987, 1998) e Woortmann (1995).

Em relação aos casos estudados, os resultados, sintetizados na Tabela 32, demonstraram que tanto nas famílias de agricultores como nas famílias pluriativas as receitas oriundas das atividades agrícolas em geral são centralizados e administrados pelos pais. Em Padre Eterno Ilges, em ambos os tipos de unidades familiares, em torno de 70% dos entrevistados responderam que são os pais (chefes e cônjuges) que realizam a gestão do dinheiro. Vale a pena chamar a atenção para o fato de que é o casal e não apenas o chefe quem executa estas tarefas (apenas aproximadamente 20%, – em todos os casos – afirmaram que administrar o dinheiro é tarefa exclusiva dos chefes). Em Braço do Sul, as proporções de famílias de agricultores e famílias pluriativas nas quais são os pais os responsáveis pela centralização do dinheiro também constituem a maioria, embora sejam bastante inferiores em relação ao caso gaúcho. Contudo, os índices das famílias de agricultores e famílias pluriativas que declararam não haver receitas agrícolas também mostraram-se bastante elevados no caso catarinense (quase 25%, na média). No caso dos pluriativos, a inexistência de ganhos com as atividades agrícolas pode ser explicada pelo fato de que sua produção agrícola des-

tina-se, prioritariamente, ao autoconsumo e não ao comércio, conforme já analisado anteriormente. Já a situação dos 23,1% de agricultores que declararam não ter receitas agrícolas pode ser compreendida se for considerado tratar-se de famílias constituídas somente pelos cônjuges, que são aposentados e a maioria com idade acima dos 60 anos. Portanto, não causa nenhuma surpresa que não vendam quase nada de sua produção agrícola, que se destina quase exclusivamente ao autoconsumo.

Tabela 32
FORMA DE DIVISÃO DAS RECEITAS AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS DE
AGRICULTORES E DAS FAMÍLIAS PLURIATIVAS
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Forma da divisão das receitas agrícolas	Agricultores (%)		Pluriativos (%)	
	RS	SC	RS	SC
O chefe centraliza os rendimentos	20,0	23,1	15,4	20,8
O casal centraliza todas as entradas e divide conforme sua decisão	70,0	23,1	69,2	37,5
Cada um fica com a parte que ganha e os pais sustentam a casa e a família	-	-	7,7	8,3
São divididas entre quem trabalha na propriedade de forma igual	10,0	23,1	-	4,2
Não há rendimentos de atividade agrícolas	-	23,1	7,7	25,0
Não sabe/não respondeu	-	7,7	-	4,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No que se refere à forma de divisão e à gestão das receitas não-agrícolas entre as famílias de pluriativos, cujas informações estão sintetizadas na Tabela 33, observa-se uma heterogeneidade bastante acentuada. Contudo, é possível notar que as proporções mais significativas são relacionadas à centralização dos rendimentos nas mãos do chefe, como é o caso dos pluriativos catarinenses, em que a metade (50%) dos entrevistados identificou essa forma, ou é gerida pelos pais, como no caso dos 38,5% de pluriativos gaúchos. Na localidade de Padre Eterno Ilges, também se registrou uma significativa proporção de unidades familiares pluriativas (30,8%), cujos membros que trabalham em atividades não-agrícolas retêm consigo todos os rendimentos obtidos, sem repassar nenhuma parcela aos pais. Outra forma de divisão das receitas, que é relativamente usual entre os pluriativos catarinenses (25%) e em menor escala no Rio Grande do Sul (15,4%), é aquela em que há repartição

dos rendimentos obtidos em atividades não-agrícolas mediante a contribuição dos membros que trabalham fora com o pagamento de algumas despesas domésticas (em geral, energia elétrica, gêneros alimentícios, entre outras). A divisão total de todas as entradas monetárias familiares entre todos os membros também ocorre nos dois casos investigados, porém em proporções bem mais modestas (15,4% em Padre Eterno Ilges e 8,3% em Braço do Sul).

Tabela 33
FORMA DE DIVISÃO DAS RECEITAS NÃO-AGRÍCOLAS DAS FAMÍLIAS
PLURIATIVAS NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Forma da divisão das receitas não-agrícolas	% Pluriativos	
	RS	SC
O chefe centraliza todos os rendimentos	-	50,0
O casal centraliza todas as rendas e as divide conforme sua decisão	38,5	-
Os que trabalham fora ficam com dinheiro, mas contribuem em algumas despesas	15,4	25,0
Os que trabalham fora ficam com o dinheiro que ganham e não contribuem com despesas	30,8	4,2
Aqueles que trabalham fora entregam parte do dinheiro aos pais e ficam com o restante	-	8,3
Os rendimentos são divididos entre todos os membros da família que trabalham	15,4	8,3
Não sabe/Sem resposta	-	4,2
Total	100	100

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

5.4. PLURIATIVIDADE: UMA OPÇÃO INDIVIDUAL EM BUSCA DE UM ESTILO DE VIDA?

O estudo da pluriatividade na perspectiva da agricultura familiar constitui-se em um fenômeno que se reveste de várias particularidades, sendo uma destas o indivíduo que a exerce. As características das famílias pluriativas podem mudar de acordo com o sexo e a posição do indivíduo na hierarquia familiar. Mais do que isto, o próprio sentido da pluriatividade pode ser diferente, pois a opção por um trabalho fora do estabelecimento agrícola pode não ser decorrente de uma contingência econômica ou social, mas, ao contrário, uma opção espontânea dos indivíduos que integram a família. Para verificar quem são, o que pensam e qual o papel dos indivíduos que exercem a combinação de duas ou mais atividades, realizou-se a aplicação de questionário jun-

to aos membros das famílias pluriativas que trabalham em atividades não-agrícolas, dentro ou fora da propriedade. Para evitar qualquer tipo de confusão esses indivíduos serão denominadas de “indivíduos pluriativos”.

A aplicação dos questionários foi realizada simultaneamente ao momento das visitas às famílias pluriativas, quando foram então preenchidos dois formulários distintos, um destinado a coletar informações sobre a família e o outro orientado especificamente para os indivíduos que exerciam a pluriatividade no momento da entrevista. Deste modo, foram aplicados 29 questionários, constituindo o grupo de indivíduos pluriativos, sendo 13 no Rio Grande do Sul (em Padre Eterno Ilges) e 16 em Santa Catarina (em Braço do Sul). No caso gaúcho, foi realizado o mesmo número de entrevistas entre famílias e indivíduos pluriativos mas, em Blumenau, pelo fato da amostra das famílias pluriativas abarcar um número maior de casos, optou-se por entrevistar 16 indivíduos (embora tenham sido visitadas e entrevistadas o total de 23 famílias de pluriativos).

A idéia de realizar um levantamento de dados com os membros das famílias pluriativas que efetivamente exercem as atividades não-agrícolas, dentro ou fora da propriedade, também teve por objetivo ampliar as informações sobre as relações intrafamiliares, sobre a hierarquia familiar e sobre as relações de gênero e de parentesco vigentes no âmbito familiar e doméstico. Contudo, não se trata de buscar informações para realização de um estudo propriamente etnográfico da família ou do parentesco e suas influências sobre a organização do processo produtivo e da pluriatividade. Esta perspectiva, que já foi perseguida e alcançada com sucesso em alguns estudos, destacando-se aqueles realizados por Carneiro (1998) e Woortmann (1995), entre outros, exigiria a demarcação de um outro enfoque analítico.

Uma das principais características dos indivíduos pluriativos entrevistados é que são particularmente jovens, em sua grande maioria com idades entre 19 e 34 anos (51,7% do total entrevistado), e solteiros (85,7% no Rio Grande do Sul e 62,5% em Santa Catarina). Somente 31% deles situa-se na faixa etária entre 35 e 59 anos. Entre estes últimos, a maioria é formada de casados (todos no caso gaúcho e 66,7% em Braço do Sul). Apesar de mais jovens e com maiores oportunidades para estudar os indivíduos pluriativos repetem os baixos índices de escolaridade registrados em relação às famílias, pois 61,5% dos indivíduos pluriativos de Padre Eterno Ilges e 81,3% de Braço do Sul frequentaram a escola somente para preencher o ensino fundamental, pois não chegaram a concluir o primeiro grau. As mulheres possuem escolaridade ainda mais baixa do que os homens, pois todas afirmaram ter frequentado a escola apenas por alguns poucos anos.

Tabela 34
IDADE E SEXO DOS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS E NÚMERO TOTAL
DE MEMBROS QUE COMPÕEM ESTAS FAMÍLIAS
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Idade (anos)	Sexo (n)				Total		Total Geral
	Masculino		Feminino				
	RS	SC	RS	SC	RS	SC	
10 a 18	2	-	1	2	3	2	5
19 a 34	5	6	2	2	7	8	15
35 a 59	1	2	2	4	3	6	9
Total de pessoas	8	8	5	8	13	16	29

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as características mais salientes dos indivíduos pluriativos ocupados em atividades não-agrícolas está o baixo índice de profissionalização. Mais da metade (51,7%) jamais havia trabalhado em outra atividade profissional. Em muitos casos, são as próprias empresas que buscam esta “inexperiência da força de trabalho”. Entre as vantagens para a contratação deste tipo de mão-de-obra, ressaltam os contratantes o fato de serem trabalhadores jovens permitir um treinamento diretamente relacionado às necessidades específicas das indústrias, facilitando a formação de uma força de trabalho quase cativa, disciplinada e fortemente identificada com os objetivos da empresa. Em Padre Eterno Ilges, todos os entrevistados responderam que não realizaram nenhum tipo de treinamento para obter seu atual emprego. Já em Braço do Sul, encontrou-se uma parcela de 37,5% do total de pluriativos que receberam algum tipo de treinamento para iniciar suas novas ocupações.

Além dessa vantagem, as empresas levam em consideração dois outros elementos para privilegiar a contratação dos jovens filhos de agricultores. Uma delas é o fato do salário pago ser muito inferior, em comparação com aqueles recebidos pelos trabalhadores já profissionalizados. A outra vantagem está em contratar um tipo de mão-de-obra que oferece menos resistência organizativa às normas impostas pelo trabalho fabril, sendo considerado um aspecto positivo o fato de serem indivíduos jovens e sem experiência de trabalho anterior, permitindo um melhor envolvimento dos trabalhadores com o “espírito da empresa”. Em muitas das indústrias visitadas durante a pesquisa de campo, foi possível constatar que tanto no Rio Grande do Sul como em Santa Catarina há um estímulo ao senso de colaboração e mutualidade dos funcionários, o que resulta em uma forma de canalização da participação, que, ao invés de guiar-se para as agremia-

ções sindicais de classe, acaba esgotando-se nas atividades recreativas, esportivas e de lazer, organizadas no interior da própria empresa.

Em muitas das pequenas localidades visitadas na região da Encosta da Serra gaúcha e do Vale do Itajaí catarinense, verifica-se a presença de apenas uma ou no máximo duas empresas. Assim, os funcionários acabam não sendo apenas colegas de trabalho, pois entre si vigoram também, e ao mesmo tempo, relações de vizinhança e parentesco, fazendo com que nesses pequenos povoados as relações de sociabilidade e de interconhecimento, para usar um termo cunhado por Mendras (1978), sejam intensas. Dentro das empresas não vigoram apenas as relações de trabalho, mas os códigos e as normas sociais às quais todas as pessoas da comunidade local são conformadas. Neste sentido, poder-se-ia falar inclusive em uma transposição e reinvenção de certas características socioculturais, típicas das sociedades camponesas, pelos novos ambientes de trabalho das indústrias. Essa inter-relação das indústrias com o ambiente social e econômico local parece constituir-se em uma característica típica de regiões que conheceram processos de industrialização difusa ou foram afetadas pelas estratégias de descentralização das empresas situadas em ambientes urbanos próximos, como é o caso aqui tratado.

Outra característica dos indivíduos pluriativos está no fato de residirem em estabelecimentos situados nas áreas rurais. Na localidade de Padre Eterno Ilges, na região da Encosta da Serra no Rio Grande do Sul, existe uma indústria situada no centro do povoado, próxima a um salão de festas, um campo de futebol e uma igreja. Em seu entorno situam-se as propriedades dos agricultores, cujos membros trabalham nessa empresa. No entanto, boa parte da mão-de-obra utilizada por essa indústria desloca-se de outros povoados situados na região, para completar o quadro de funcionários. Já em Santa Catarina, conforme já mencionado anteriormente, a localidade pesquisada, Braço do Sul, situa-se a alguns quilômetros do centro do distrito de Vila Itoupava, onde encontram-se algumas das indústrias que empregam os pluriativos. No entanto, a exemplo do que ocorre no caso gaúcho, os indivíduos pluriativos que residem em Braço do Sul também se deslocam para outras localidades e municípios da região, como as cidades de Massaranduba, Pomerode, Gaspar e Luís Alves.

Entre os indivíduos pluriativos que foram entrevistados, o setor econômico em que a maioria estava ocupado é a indústria, sendo 84,6% em Padre Eterno Ilges e 81,25% em Braço do Sul, conforme mostra a Tabela 35. Considerando-se o fato do mercado de trabalho, em ambas as regiões, ser amplamente dominado pelas atividades industriais, a forte concentração dos pluriativos neste setor apenas vem corroborar este predomínio.

Essa ocupação dos pluriativos em atividades do setor industrial não apresenta diferenças significativas segundo o sexo dos indivíduos, pois a proporção de homens e mulheres que trabalham nessas atividades é muito próxima.

Tabela 35
SETORES DE ATIVIDADES DOS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS,
SEGUNDO SEXO, NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Setores de atividades	Masculino (%)		Feminino (%)		Total (%)	
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Indústria	87,5	75,0	80,0	87,5	84,6	81,25
Comércio	-	12,5	-	-	-	6,25
Serviços auxiliares ativ. eco.	-	12,5	-	-	-	6,25
Prestação serviços	12,5	-	-	-	7,7	-
Serviços pessoais	-	-	-	12,5	-	6,25
Transformação artesanal	-	-	20,0	-	7,7	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Uma variável econômica ainda escassamente detalhada pelas pesquisas sobre a pluriatividade refere-se a renda dos indivíduos pluriativos. A Tabela 36 apresenta as rendas dos pluriativos, em salários mínimos, obtidas com as atividades não-agrícolas que exerciam por ocasião da entrevista. Como se percebe, a grande maioria dos pluriativos declarou receber rendimentos que se enquadram nas faixas de 1 a 2 salários mínimos: 69,2%, no caso dos pluriativos gaúchos, e 31,3% em Braço do Sul. No caso catarinense, os rendimentos parecem ser um pouco superiores, pois 43,8% dos entrevistados declararam que recebem em torno de 2 a 3 salários mínimos. As remunerações recebidas pelos membros do sexo masculino são superiores aos auferidos pelas mulheres, especialmente no caso de Braço do Sul, onde 37,5% dos homens recebem acima de 4 salários mínimos, ao passo que os pluriativos de sexo feminino não ultrapassam a faixa de renda situada entre 2 e 3 salários. Mas é na faixa de até 2 salários mínimos que se percebe mais nitidamente a desproporção dos rendimentos segundo o sexo dos pluriativos. Entre os homens são 62,5% dos gaúchos e 12,5% dos catarinenses que recebem até 2 salários mínimos. Já entre as mulheres, 100% das gaúchas e 62,5% das catarinenses ganham até 2 salários mínimos.

Tabela 36
RENDAMENSAL DOS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS, SEGUNDO SEXO
(SALÁRIOS MÍNIMOS), NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Salários mínimos ¹	(%) Masculino		(%) Feminino		(%) Total	
	RS	SC	RS	SC	RS	SC
Até 1	-	-	20,0	12,5	7,7	6,3
1 a 2	62,5	12,5	80,0	50,0	69,2	31,3
2 a 3	25,0	50,0	-	37,5	15,4	43,8
3 a 4	12,5	-	-	-	7,7	-
4 a 5	-	12,5	-	-	-	6,3
5 a 6	-	12,5	-	-	-	6,3
9 a 10	-	12,5	-	-	-	6,3
Total	100	100	100	100	100	100

¹ Um salário mínimo equivalia a R\$ 130,00, em setembro de 1998, quando foi realizada a pesquisa de campo.

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

No entanto, o que precisa ser ainda melhor conhecido e avaliado é o efeito dessas rendas sobre o orçamento doméstico e qual a sua relação com a manutenção e a reprodução da unidade produtiva agrícola, a partir da ótica e das considerações dos próprios membros que exercem essa pluriatividade. Conforme já apontado, é analiticamente não-recomendável desvincular o indivíduo pluriativo da unidade de análise-chave, isto é, da família, para entender a pluriatividade. Ao contrário, trata-se de conhecer os mecanismos e o modo de funcionamento que se estabelecem entre os indivíduos pluriativos e suas respectivas famílias. Para tanto, foram escolhidos alguns indicadores, tais como a forma de uso do dinheiro obtido nas atividades não-agrícolas e as ajudas fornecidas pelos pluriativos às suas famílias, que se acredita possam dar visibilidade a esses mecanismos e estratégias que caracterizam a interrelação dos indivíduos pluriativos com suas famílias.

A Tabela 37, a seguir, informa os principais destinos dos rendimentos dos indivíduos pluriativos entrevistados na pesquisa de campo. É curioso notar, por exemplo, que apenas um pluriativo (gaúcho) declarou ter despesas com o pagamento de aluguel (e que esta despesa representava 15% de sua renda total). Isso leva a suspeitar que entre os indivíduos pluriativos as despesas com moradia são muito baixas ou praticamente inexistentes, o que se explica pelo fato destes indivíduos residirem na casa dos pais ou em habitação própria. Entre os itens de maior frequência dos gastos encontram-se as despesas com roupas e vestuário, para os quais são alocados em torno de 15% das rendas dos indivíduos pluriativos. Embora com frequências oscilantes (número de indivíduos que realiza de-

terminado gasto) as despesas com atividades de lazer e manutenção de veículo ou transporte também atingem proporções pouco abaixo de 20%. A alimentação absorve cerca de 30% dos recursos daqueles que têm despesa com este item, pois no Rio Grande do Sul apenas quatro pluriativos declaram que possuem gastos com alimentação. Isto demonstra que a unidade agrícola em que residem os indivíduos pluriativos cumpre, de fato, o papel de rebaixar os custos de reprodução da força de trabalho, uma vez que a grande maioria não paga em dinheiro os alimentos que são produzidos na propriedade pelos seus familiares, embora preste ajudas ou auxílios na execução de tarefas dentro da propriedade

Tabela 37
FORMA DE UTILIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS DOS INDIVÍDUOS
PLURIATIVOS (VALORES MÉDIOS) NAS COMUNIDADES SELECIONADAS¹

Tipo de despesa ou gasto	RS		SC	
	n	%	n	%
Aluguel ou alojamento	1	15,00	-	-
Ajuda para família	4	26,25	10	19,40
Gastos com alimentação	4	27,5	12	34,75
Gastos com roupas e vestuários em geral	11	16,36	14	16,43
Atividade de lazer	7	15,00	14	12,43
Pagto. de prestações referentes a aquisição de bens (imóveis, móvelia, etc.)	5	36,00	4	31,50
Gastos com ensino e/ou educação	3	43,3	1	30,00
Despesas com veículo e/ou transporte	3	18,3	7	18,57
Pagamento de pensão		-	1	35,00
Pagamento de taxas e/ou impostos		-	1	18,00
Repassa toda a renda aos pais	2	100,0	-	-
Coloca o dinheiro na poupança	4	38,75	4	42,00
Outros	3	21,7	5	14,60

¹ Questão de resposta múltipla.
Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Esse comprometimento relativamente baixo dos orçamentos dos indivíduos pluriativos com moradia, alimentação, transporte e vestuário favorece o investimento de parcela significativa de suas rendas no pagamento de prestações referentes à aquisição de bens de consumo duráveis, sobretudo eletrodomésticos e veículos. Nos dois casos estudados, em torno de um terço dos indivíduos pluriativos entrevistados declaram que gastam mais de 30% de suas rendas no pagamento de prestações decorrentes das compras à prazo. Esta informação revela que o poder de compra dos pluriativos, tendo em vista a regularidade

de seus ganhos, pode estimular o desenvolvimento de um mercado local de consumo. Também por esta via pode-se explicar o fato dos pluriativos terem um papel significativo na cobertura das despesas familiares (cerca de 26,25% das rendas dos gaúchos e 19,4% dos catarinenses, ainda que, nesse caso, o montante é bem superior aos anteriores), no próprio investimento educacional e, o que é mais importante, destinando em média 40% de suas rendas para a poupança.

A análise dessas questões parece ser fundamental para se compreender o significado da pluriatividade para os indivíduos e para as famílias. Nesse caso, pode-se estabelecer pelos menos três possibilidades explicativas: primeiramente, que a pluriatividade pode constituir-se em uma estratégia, tão-somente, de reprodução da família e da unidade doméstica; a segunda alternativa remete a outro objetivo – a pluriatividade pode apresentar-se como um mecanismo destinado predominantemente a retomar ou modernizar a unidade de produção; terceiro, que as duas opções anteriores são complementares e que a pluriatividade signifique ambas as possibilidades.

Para detalhar melhor as relações entre os indivíduos pluriativos e a unidade de produção agrícola (ou o estabelecimento em que residem com sua família), foram investigados os mecanismos de alocação das rendas obtidas nas atividades não-agrícolas. No caso gaúcho há uma divisão relativamente homogênea entre aqueles que entregam parte de seus rendimentos ao pais (que constituem 46,2%) e os que retêm o conjunto das rendas exclusivamente para si (somam 53,8% dos casos). Já em Braço do Sul, são apenas 18,7% os indivíduos pluriativos que repassam parte de seus ganhos aos pais, pois a grande maioria (81,3%) declarou que não realiza nenhum tipo de repasse aos patriarcas. Entretanto, apesar da maioria dos indivíduos pluriativos não entregar diretamente aos pais as rendas obtidas com as atividades não-agrícolas, a grande maioria informou que presta algum tipo de “ajuda financeira” à família, o que, muitas vezes, ocorre pela aquisição de gêneros alimentícios, pagamentos de taxas ou impostos, entre outras possibilidades.

Outra informação refere-se à forma de utilização ou alocação das rendas não-agrícolas. Conforme mencionado anteriormente, há vários estudos sobre a pluriatividade que destacaram a importância das rendas não-agrícolas para viabilizar a retomada ou a sustentação da unidade de produção (Hespanha, 1995; Reis, Hespanha, Pires, Jacinto, 1990). Outros, no entanto, enfatizaram muito mais o papel da pluriatividade na ampliação do conforto doméstico e da inserção da família no mercado de consumo (Bartlett, 1986). Nos casos aqui estudados, as rendas provenientes das atividades não-agrícolas, em geral, não são utilizadas para investir na propriedade ou na agricultura. Em Padre Eterno Ilges, 30,8% dos indivíduos pluriativos entrevistados ainda afirmaram destinar parcela de suas rendas para aper-

feioar ou manter seus sistemas agrícolas, mas em Braço do Sul apenas 18,7% responderam positivamente a essa questão.

Tabela 38
ALOCÇÃO DAS RENDAS DOS INDIVDUOS PLURIATIVOS
NA AGRICULTURA OU DENTRO DA PROPRIEDADE
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Alocação das rendas na propriedade	RS		SC	
	n	%	n	%
Sim	4	30,8	3	18,7
Não	9	69,2	13	81,3
Total	13	100	16	100

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

A parcela das rendas não-agrícolas destinadas ao investimento na agricultura pelos indivíduos pluriativos são utilizadas para aquisição de implementos (especialmente no caso catarinense, na proporção de 66,7%) ou, como ocorre em Padre Eterno Ilges, onde são usadas na aquisição de insumos (75%) como adubos e defensivos. Apesar dessa pequena alocação de recursos financeiros, os pluriativos ajudam a organizar e auxiliam diretamente na agricultura. A participação dos indivíduos pluriativos nas tarefas realizadas no interior das propriedades varia de frequência, ocorrendo diariamente em 25% dos entrevistados (Santa Catarina) e “periodicamente” em 72,7% dos entrevistados gaúchos e 43,8% de catarinenses. A frequência diária verificada em Braço do Sul provavelmente está relacionada ao fato de que no Vale do Itajaí as jornadas de trabalho dos pluriativos se alternam em diferentes turnos do dia, havendo um significativo número de trabalhadores que trabalham à noite, permitindo que utilizem pelo menos meio turno diário para dedicar-se às atividades agrícolas. Em Padre Eterno Ilges, essa situação é menos usual, pois a maioria das indústrias e mesmo as atividades de prestação de serviços funcionam somente durante o dia. O auxílio realizado de forma “periódica” é aquele que ocorre de forma esporádica ou em situações indefinidas. Nesse item, muitos entrevistados responderam que ajudavam nas tarefas agrícolas sempre que “sobrava algum tempo”, condição que às vezes dependia do transporte do trabalho até o domicílio ou dos compromissos com outras atividades, geralmente as ocupações domésticas. Em geral, essa periodicidade era semanal, ou seja, pelo menos uma vez por semana os indivíduos pluriativos auxiliavam nas atividades agrícolas da propriedade.

Tabela 39
FREQUÊNCIA COM QUE OS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS AUXILIAM
NAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DENTRO DA PROPRIEDADE
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Ajuda dos pluriativos na agricultura	RS		SC	
	n	%	n	%
Diariamente	-	-	4	25,0
Periodicamente	8	72,7	7	43,8
Às vezes	3	-	5	31,3
Total	11	100,0	16	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Além dessas características mais gerais sobre os indivíduos que exercem a pluriatividade, uma das dimensões ainda pouco estudadas refere-se às representações e às motivações pessoais dos indivíduos pluriativos, quando confrontados com a sua condição social e as características de seu trabalho. Trata-se, portanto, dos juízos valorativos que orientam as decisões subjetivas e as atitudes dos indivíduos pluriativos perante questões objetivas como, por exemplo, optar entre permanecer ou não na agricultura.

Segundo os indivíduos pluriativos entrevistados, a principal razão para o abandono da agricultura como atividade econômica são as motivações de ordem financeira, conforme opinaram 69,2% dos entrevistados em Padre Eterno Ilges, e 93,8% em Braço do Sul. Essa informação parece indicar que há uma relação estreita entre a baixa rentabilidade da agricultura e a decisão de recorrer a um novo tipo de inserção profissional através da pluriatividade.

Tabela 40
PRINCIPAIS MOTIVOS QUE LEVARAM OS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS
A BUSCAR UMA ATIVIDADE NÃO-AGRÍCOLA
NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Principais motivações	% indivíduos pluriativos		
	RS	SC	Total
Buscar um trabalho mais fácil que o agrícola	7,7	-	3,4
Motivos financeiros	69,2	93,8	82,8
Motivos pessoais	15,4	6,3	10,3
Sem resposta	7,7	-	3,4
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

As motivações financeiras individuais, que fazem com que os pluriativos troquem a agricultura pelas atividades não-agrícolas, parecem estar em consonância com a queda geral da rentabilidade do setor agrícola do Brasil. Contudo, não foi somente devido à queda dos rendimentos agrícolas que os jovens se voltaram crescentemente para essas novas ocupações. Nos dados coletados junto às famílias de agricultores e famílias pluriativas, em que geralmente o entrevistado era o chefe da família, foram introduzidas questões opinativas acerca das motivações dos jovens em relação à atividade agrícola. Nas famílias de agricultores, conforme indica a Tabela 41, o entrevistado era perguntado sobre as expectativas quanto à permanência dos jovens na atividade agrícola. Conforme indicam os resultados, entre as famílias de agricultores gaúchos, 30% declararam que a permanência junto à família podia ser considerada como estímulo à permanência dos jovens. Outros 20% do total de respondentes acreditam que a residência na propriedade, as próprias dificuldades de viver na cidade ou porque consideraram “ser bom viver na agricultura” constituem-se em algumas das principais motivações que retêm os jovens na agricultura.

Tabela 41
MOTIVAÇÕES DOS JOVENS PLURIATIVOS PARA *NÃO PERMANECER*
NA AGRICULTURA NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Motivações dos jovens pluriativos	RS		SC	
	n	%	n	%
Não pode desmatar para plantar	-		10	41,6
Baixos preços dos produtos agrícolas	3	23,0	3	12,5
Renda baixa	6	46,0	8	33,3
Penosidade do trabalho agrícola	1	7,7	1	4,2
Falta de apoio do governo	1	7,7	1	4,2
Os empregos não-agrícolas são mais atraentes	2	15,4	1	4,2
Total	13	100	24	100

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Entre as famílias de pluriativos que foram entrevistadas, conforme indicado no capítulo anterior, também se questionou sobre as motivações que conduziram o jovem a abandonar a agricultura, pois neste caso os membros da família já estavam inseridos em alguma atividade não-agrícola. Nesse caso, a hipótese mencionada anteriormente reaparece em sua plenitude. Para as famílias pluriativas gaúchas, em 46% dos casos, os jovens afirmaram ter deixado a agricultura por motivos econômicos, pois as rendas eram muito baixas, se-

guido de outros 23% que declararam que os jovens saem devido aos baixos preços dos produtos agrícolas, o que essencialmente é o mesmo motivo anterior. Em Braço do Sul, 33,3% do total das famílias que são pluriativas disseram que as rendas baixas constituem-se na principal razão para o abandono da agricultura, proporção superada por apenas por 41,6% do total de famílias que, inesperadamente, indicaram serem as restrições legais para o desmatamento o principal entrave que justifica o pouco interesse dos jovens na agricultura.

Tabela 42
MOTIVAÇÕES DOS JOVENS PARA *CONTINUAR A TRABALHAR*
NA *AGRICULTURA* NAS COMUNIDADES SELECIONADAS

Motivações dos jovens agricultores	RS		SC	
	n	%	n	%
Não existem	-	-	4	30,8
Os filhos não moram na propriedade	2	20,0	2	15,4
Dificuldade em viver na cidade	2	20,0	1	7,7
Dificuldade em ir para a cidade	-	-	1	7,7
Não têm filhos	-	-	1	7,7
Ficar junto da família e ajudá-la	3	30,0	-	-
É bom / não têm interesse em outra atividade	2	20,0	-	-
Ganham o suficiente para o sustento	1	10,0	-	-
Sem resposta	-	-	4	30,8
Total	10	100,0	13	100,0

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Outra hipótese que se buscou averiguar refere-se à relação da pluriatividade com a posse da terra. Os entrevistados foram interrogados acerca de sua atitude frente a uma situação em que fossem contemplados com o acesso a uma propriedade de terra. A ampla maioria dos indivíduos pluriativos gaúchos e catarinenses dificilmente teria motivação para abandonar a atividade não-agrícola em que se encontram empregados e voltar a se dedicar exclusivamente à agricultura e à atividade de administração da propriedade herdada, se uma situação de acesso à terra porventura ocorresse. Dos 29 pluriativos que foram entrevistados, somente um respondeu que voltaria a trabalhar na agricultura, no caso de herança de uma propriedade.

Os indivíduos pluriativos também foram interrogados acerca de sua atitude em caso de demissão ou perda do emprego que ocupavam no momento da entrevista. Também nesta situação, o retorno à atividade agrícola somente foi admitido como uma possibilidade de compensação meramente temporária, sendo esta a

atitude que tomariam 46,2% dos pluriativos entrevistados em Padre Eterno Ilges e 25% dos pluriativos de Braço do Sul, em Blumenau. Mesmo assim, em caso de demissão, a grande maioria dos indivíduos pluriativos (62,1% em relação ao total de entrevistados) “procuraria imediatamente uma outra ocupação não-agrícola”, desconsiderando (ou até mesmo ignorando) a possibilidade de vir a trabalhar na propriedade da família enquanto buscasse outra atividade. Em Blumenau, 68,8% dos indivíduos pluriativos afirmaram que não voltariam a trabalhar na agricultura mesmo em caso de demissão, ao passo que em Santa Maria do Herval essa proporção diminui para 53,8%.

Tabela 43
ATTITUDE DOS INDIVÍDUOS PLURIATIVOS FRENTE À PERDA
DO EMPREGO ATUAL EM ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS

Atitudes dos pluriativos	RS		SC		Total	
	n	%	n	%	n	%
Imediatamente, voltaria a trabalhar na agricultura	-	-	1	6,3	1	3,4
Procuraria imediatamente outro emprego não-agrícola	7	53,8	11	68,8	18	62,1
Voltaria a trabalhar na agricultura e esperaria uma oportunidade de trabalho não-agrícola	6	46,2	4	25,0	10	34,5
Total	13	100	16	100	29	100

Fonte: Pesquisa de campo (1998).

Essa visível falta de atratividade do trabalho agrícola junto aos indivíduos que exercem a pluriatividade pode estar relacionada aos baixos níveis de renda que essa atividade proporciona. Contudo, podem ocorrer outras motivações a estimular a preferência pelas atividades não-agrícolas e a manutenção de condição de pluriativo, como a ampliação do círculo de amizades e o convívio social. Para averiguar a relação da pluriatividade com estes elementos essencialmente subjetivos, os indivíduos pluriativos foram indagados acerca de seus círculos de amizade e sobre o ambiente sociocultural em que exercem seus momentos de lazer e diversão.

Segundo os indivíduos pluriativos entrevistados, o trabalho em uma atividade não-agrícola contribui fortemente para ampliar as suas relações de sociabilidade, especialmente entre aqueles que trabalham em uma mesma indústria. Outro aspecto a ser observado em relação à sociabilidade dos indivíduos que exercem a pluriatividade refere-se às suas preferências matrimoniais. Nas duas comunidades estudadas, verificou-se uma inclinação por parte dos pluri-

ativos a optar, preferencialmente, por candidatos(as) ao matrimônio que tenham uma profissão diferente da atividade agrícola. No caso dos catarinenses, a preferência por pretendentes cuja profissão fosse diferente da agricultura chegou a 44,4% do total. Esta proporção, no entanto, ainda é igual à opção dos que afirmaram não levar em consideração a profissão do(a) pretendente como critério para selecionar candidatos ao matrimônio, que no caso dos pluriativos gaúchos foi a opção amplamente predominante (77,8% dos respondentes).